

LUZES DO NORTE



Rosa
Roberts

TRADUÇÃO DE CARLA FERRAZ



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Ao meu precioso Logan, filho do meu filho.
A vida será a tua caixinha de jóias,
repleta de risos cintilantes,
do brilho da aventura, do resplendor da
descoberta, da visão da magia. E
que por todos estes tesouros jorre
a centelha eterna do amor.*

ESCURIDÃO

*Terminai, bela senhora; a luz do dia chegou,
E nós somos da escuridão.*

William Shakespeare

*Oh, escuridão, escuridão, escuridão, pela chama do meio-dia
Escuridão inegável, eclipse total
Na esperança perdida do dia!*

John Milton

Prólogo

Entrada de Diário — 12 de Fevereiro de 1988

Aterrei no Glaciar do Sol por volta do meio-dia. O voo despertou-me completamente da ressaca, e cortou bem rente as raízes da realidade do mundo que ficou lá em baixo. O céu está limpo, como cristal azul. Uma espécie de céu retratado em postais para atrair turistas, adornado com um halo colorido e brilhante em redor do sol frio e esbranquiçado. Vejo-o como um sinal de que era imperativo fazer esta escalada. O vento sopra a cerca de dez nós. A temperatura ronda os dez abaixo de zero. O Glaciar é enorme como o rabo de *Madame Kate*, e tão gelado como o seu coração.

Apesar disso, Kate deu-nos uma bela despedida na noite passada. Até nos arranjou uma tarifa de grupo.

Não faço ideia o que raio é que estamos aqui a fazer, excepto que temos de ir a algum lado, fazer qualquer coisa. Uma escalada de Inverno em Nenhures é tão boa como qualquer outra, e melhor do que a maioria das que já fiz.

De vez em quando, um homem precisa de uma semana de aventura, aventura essa que exclua bebida rasca e mulheres fáceis. Como podemos apreciar a bebida e as mulheres se não nos afastarmos delas de vez em quando?

E dar de caras com alguns amigos Lunáticos não só virou a minha sorte ao jogo, como mudou completamente a minha disposição. Não me estimula muito, trabalhar todos os dias pelo sustento, como todos os ratos da engrenagem, mas estar com uma mulher toca todos os pontos certos.

O meu golpe de sorte pode satisfazer as meninas, mas agora vou tirar uns dias só para mim e o pessoal.

Subir contra os elementos, arriscar a vida e a pele na companhia de outros homens com o mesmo grau de loucura é algo que tenho de fazer, só para me lembrar que estou vivo. Fazê-lo não por dinheiro, por obrigação, ou porque uma mulher insiste comigo até ficar roxo, mas só pela idiotice pura, é o que mantém os espíritos elevados.

Lá em baixo começa a faltar espaço. As estradas vão onde dantes não chegavam, as pessoas vivem onde nunca ousaram viver. Quando cheguei aqui, não havia tanta gente, e as bestas dos federais não controlavam tudo.

Permissão para escalar? Para passear numa montanha? Que se lixem,

e que se lixem os cabrões dos federais, mais as suas regras e papeladas. As montanhas já ali estavam muito antes de algum burocrata do governo pensar numa forma de ganhar uns trocos com elas. E vão ficar ali muito depois de ele andar a passar fita vermelha no Inferno.

E aqui estou eu agora, nesta terra que não pertence a ninguém. É assim com o solo sagrado.

Se houvesse uma forma de viver na montanha, plantava lá a minha tenda, e nunca sairia de lá. Mas sagrada ou não, a montanha mata-nos, mais depressa do que um corte profundo, e sem qualquer piedade.

Portanto, eu aproveito a minha semana, na companhia de homens com os mesmos ideais, escalo o pico que não tem nome e que se eleva sobre a cidade, o rio e os lagos, transpondo as barreiras que os federais impuseram na terra, contrariando as suas tentativas ridículas de a domar e conservar.

O Alasca só pertence a si próprio, por mais sinais de trânsito ou regras que sejam erigidos sobre ele. É como a última das mulheres selvagens, e Deus ama-a por isso. Eu amo.

Montámos o nosso acampamento base, e o Sol já caiu atrás dos grandes picos, mergulhando-nos a todos na escuridão do Inverno. Encolhidos na tenda, comemos bem, passamos um charro e falamos sobre amanhã.

Amanhã escalamos.

1.

A caminho de Lunacy — 28 de Dezembro de 2004

Apertado numa lata de sardinhas, a que irrisoriamente deram o nome de avião, que subia aos solavancos pelo ar turbulento, penetrando na minúscula janela de luz que era o Inverno, atravessando picos e brechas de montanhas cobertas de neve, na direcção de uma vila chamada Lunacy, Ignatious Burke teve uma epifania.

Não estava assim tão preparado para morrer quanto pensara.

Era algo extraordinário, perceber que o seu destino se encontrava preso, de forma precária, nas mãos de um estranho que se encontrava soterrado debaixo de uma parca amarelo-canário, com o rosto quase todo tapado por um chapéu de couro gasto, empoleirado em cima de um boné de vigia roxo.

O estranho parecera suficientemente competente em Anchorage, e dera um aperto de mão sincero a Nate antes de aprovar a descolagem daquela lata de sardinhas com hélices.

Depois, dissera a Nate para lhe «chamar Bruto». Foi aí que o desconforto inicial se instalou.

Que espécie de idiota entrava numa lata voadora pilotada por um tipo chamado Bruto?

Mas voar era o único meio seguro de chegar a Lunacy naquela altura do ano. Pelo menos, fora o que a Presidente da Câmara Hopp lhe dissera, quando tratou dos pormenores da viagem.

O avião mergulhava com força para a direita, e à medida que o estômago de Nate o acompanhava, perguntava-se qual seria a definição de *seguro* para a Presidente da Câmara Hopp.

Pensara que não queria saber, de uma forma ou de outra. Viver ou morrer, o que é que isso importava no grande plano? Ao entrar no grande avião comercial em Baltimore, Washington, já se havia resignado de que ia a caminho do fim da sua vida.

O psiquiatra do departamento avisara-o de que não devia tomar decisões importantes num estado de depressão, mas ele candidatara-se ao lugar de Comandante da polícia em Lunacy apenas porque o nome lhe parecia adequado.

E aceitara o cargo com um encolher de ombros que transparecia «estou-me nas tintas».

Até agora, moído de náuseas, a tremer da epifania que tivera, Nate percebia que não era tanto a morte que o preocupava, mas a forma de morrer. Não queria acabar de vez esmagado contra uma montanha naquela escuridão de merda.

Se pelo menos tivesse ficado em Baltimore, a cultivar uma relação mais afável com o psiquiatra e o chefe, teria continuado no activo. Não seria assim tão mau.

Mas não, atirara com o distintivo e não se limitara a queimar a patente, mas a incinerá-la. Agora ia acabar uma nódoa algures no Território do Alasca.

— Vai custar um bocadinho a passar por ali, — disse Bruto, com um sotaque arrastado do Texas.

Nate engoliu em seco. — Quer dizer que até agora tem sido fácil.

Bruto sorriu, piscando o olho. — Isto não é nada. Devia tentar voar com vento de proa.

— Não, obrigado. Ainda falta muito?

— Nem por isso.

O avião inclinou-se e estremeceu. Nate cedeu e fechou os olhos. Rezou para não sofrer a humilhação de vomitar para cima das botas, antes de morrer.

Nunca mais haveria de entrar num avião. Se sobrevivesse, sairia do Alasca de carro. Ou a pé. A rastejar. Mas nunca mais ia voar na vida.

O avião sacudiu-se num salto, que obrigou Nate a arregalar os olhos.

E viu pela janela a vitória triunfante do Sol, um ténue assombro cintilante que dava ao céu uma tonalidade pérola, de modo a que o mundo, lá em baixo, se encontrava definido em longas pregas brancas e azuis, elevações abruptas, enxames brilhantes de lagos gelados e o que seriam quilómetros de árvores salpicadas de neve.

A leste, o céu era ofuscado pela grande massa a que os locais chamavam Denali, ou só A Montanha. Até a sua pesquisa amadora lhe revelara que apenas os Forasteiros se referiam a ela como McKinley.

O seu único pensamento coerente, no meio daqueles solavancos, era de que nada tão real podia ser tão imenso. Ao ver o Sol espraiar os dedos divinos pelo céu pesado à volta da montanha, as sombras começavam a escorrer e aumentar, azul sobre branco, e a sua face gelada reluzia.

Algo dentro dele se alterara, de tal forma que, por momentos, se esqueceu do estômago às voltas, do constante rugido do motor, até do ar gelado que pairava sobre o avião como uma névoa.

— Grande comó caraças, não é?

— É. — Nate soltou um suspiro. — Grande comó caraças.

Dirigiram-se a oeste, mas ele nunca perdeu de vista a montanha. Conseguia ver agora que o que pensara ser uma estrada gelada era um rio sinuoso e congelado. E próximo da sua margem, a marca do homem com as suas casas e edifícios, carros e camiões.

Era como se estivesse dentro de um globo de neve que ainda não havia sido sacudido, tudo tão calmo e branco, a aguardar.

Algo rangera debaixo do chão. — O que foi isto?

— O trem de aterragem. Ali é Lunacy.

Num rugido, o avião iniciou a descida, que obrigou Nate a agarrar-se ao assento, fincando os pés no chão. — Que raio? Vamos aterrar? Onde? Onde?

— No rio. Nesta altura do ano, está totalmente congelado. Não se preocupe.

— Mas...

— Aterramos nos *skis*.

— *Skis*? — Nate lembrou-se bruscamente que odiava desportos de Inverno. — Um *skate* não seria mais apropriado?

Bruto soltou uma gargalhada louca, à medida que o avião descia para a camada de gelo. — Era giro à brava, não? Um avião com *skate*. C'um caraças.

O avião estremeceu, vacilou e deslizou juntamente com o estômago de Nate. E, graciosamente, imobilizou-se. Bruto desligou os motores, e no súbito silêncio, Nate conseguia ouvir o seu coração a martelar nos ouvidos.

— Não lhe pagam para isto, — balbuciou Nate. — Não é possível que lhe paguem para isto.

— Raios. — Bruto deu uma palmada no braço de Nate. — Não o faço por dinheiro. Bem-vindo a Lunacy, Comandante.

— Bem o pode dizer.

Decidiu que não ia beijar o chão. Além de parecer ridículo, também era capaz de congelar ao concretizá-lo. Em vez disso, girou as pernas para um frio indescritível e rezou para que o mantivessem de pé até conseguir chegar a um lugar quente, calmo e lúcido.

O problema que se punha era atravessar o gelo sem partir a perna, ou o pescoço.

— Não se preocupe com as suas coisas, Comandante, — gritou Bruto. — Eu levo-lhas.

— Obrigado.

Equilibrando-se, Nate viu uma figura de pé na neve. Estava enrolada numa parca castanha, com capuz, forrada de pêlo escuro. Fumava com baforadas curtas e impacientes. Usando-a como guia, Nate começou a percorrer o gelo quebradiço com o máximo de dignidade possível.

— Ignatious Burke.

A voz era áspera e feminina, chegando a ele numa nuvem de vapor. Escorregou, mas conseguiu equilibrar-se a tempo, e com o coração a fustigar as costelas, alcançou a margem coberta de neve.

— Anastasia Hopp. — Esticou uma mão enluvada e, sem ele perceber, agarrou a sua com uma assertividade a toda a prova. — À volta das colinas ainda está verde. Bruto, andaste a brincar com o novo Comandante a caminho da vila?

— Não, senhora. Mas apanhámos mau tempo.

— É sempre assim. Tem muito bom aspecto, você, não? Até mesmo maldisposto. Tome.

Tirou uma garrafinha prateada do bolso e obrigou-o a pegar nela.

— Ah...

— Força. Ainda não está de serviço. Um bocadinho de *brandy* vai acalmá-lo.

Decidindo que não podia piorar nada, abriu a garrafa e bebeu um gole tímido, sentindo que lhe caía directamente no estômago trémulo. — Obrigado.

— Vamos instalá-lo n' A Estalagem, para que possa recuperar o fôlego. — Guiou-o por um caminho calcorreado. — Mais tarde, damos uma volta pela vila, quando tiver a cabeça mais leve. A viagem é longa, desde Baltimore.

— Pois é.

Parecia-lhe que estava no cenário de um filme. As árvores verdes e brancas, o rio, os edifícios feitos de troncos cortados à medida, o fumo que saía das chaminés e dos tubos de exaustão. Tudo transparecia numa penumbra sonhadora que o lembravam que estava exausto, tanto quanto agoniado. Não conseguira dormir em nenhum dos voos e calculava que há quase vinte e quatro horas que não se encontrava na horizontal.

— Ótimo, o dia está limpo, — disse ela. — As montanhas ficam um espectáculo. Este tipo de paisagem atrai os turistas.

Era um postal perfeito, e com algo de esmagador. Ele achava que havia entrado naquele filme — ou no sonho de alguém.

— É bom ver que se equipou a rigor. — Enquanto falava, olhava-o de cima a baixo. — A maioria dos sulistas aparece aqui de sobretudos chiques e botas de cidade, e acaba por gelar o rabo.

Encomendara tudo o que trazia vestido, até a camisola interior térmica, bem como a maior parte do conteúdo da mala, na *Eddie Bauer online* — depois de receber uma lista de sugestões por correio electrónico, da Presidente Hopp. — Foi muito específica, quanto ao que eu ia precisar.

Ela acenou. — E também fui específica quanto ao que precisávamos. Não me desiluda, Ignatious.

— Nate. Faça questão disso, Presidente Hopp.

— Só Hopp. É assim que me chamam.

Ela subiu para um alpendre de madeira. — Esta é A Estalagem. Hotel, bar, restaurante, clube de convívio. Tem um quarto aqui reservado, a descontar no salário. Se decidir que quer viver noutro lado, é você que sabe. A proprietária é Charlene Hidel. Cozinha muito bem, e a casa está sempre limpa. Vai tomar conta de si. E também lhe vai querer saltar para as calças.

— Perdão?

— Você é um homem bonito, e a Charlene tem um fraco por isso. É demasiado velha para si, mas a opinião dela não vai ser essa. Se também decidir que não, o problema é seu.

Depois, sorriu, e ele viu que por baixo do capuz tinha um rosto corado como uma maçã, respeitando as suas formas. Os seus olhos eram castanhos cor de avelã e vivos, a boca comprida e fina, curvando nas extremidades.

— Temos excesso de homens, como quase em todo o Alasca. Mas isso não significa que a população feminina local não comece a rondar. É carne fresca e muitas delas vão querer provar. Faça o que quiser nos tempos livres, Ignatious. Só não ande a comer as miúdas durante o expediente.

— Vou apontar isso.

A gargalhada dela foi como a sirene de um farol — dois urros súbitos. Para a pontuar, deu-lhe uma palmada no braço. — É bem capaz disso.

Escancarou a porta e levou-o para o bendito calor.

Cheirava a fumo e café, algo a fritar com cebola, e o perfume oferecido de uma mulher.

Era uma sala ampla, dividida informalmente num restaurante com conjuntos de duas e quatro mesas, cinco com bancos corridos, e um bar com bancos altos, alinhados com os assentos vermelhos gastos ao centro, de tantos traseiros que haviam acomodado.

Havia uma grande área aberta à direita, e, através dela, conseguia ver uma mesa de bilhar e o que pareciam ser matraquilhos, e as luzes cintilantes de uma *jukebox*.

À direita, outra entrada revelava o que parecia ser uma recepção. Viu uma parte do balcão e cubículos cheios de chaves, alguns envelopes ou folhas com mensagens.

Uma lareira ardia com vivacidade, e as janelas da frente captavam um ângulo que revelava uma vista da montanha espectacular.

Havia uma empregada de mesa enorme e grávida com o cabelo apanhado numa trança comprida e brilhante. O seu rosto era tão cativante, tão lindo e sereno, que ele pestanejou. Ela olhou para ele como uma versão nativa do Alasca da Nossa Senhora de olhos meigos e negros e pele dourada.

Estava a reforçar o café de dois homens numa mesa de bancos corridos. Um rapazinho com cerca de quatro anos estava sentado numa mesa com um livro de colorir. Um homem de casaco de *tweed* estava sentado no bar, a fumar, e a ler um exemplar maltratado de *Ulisses*.

Numa mesa afastada, um homem de barba castanha que lhe chegava ao peito da camisa de flanela axadrezada e gasta parecia encetar uma conversa dura consigo mesmo.

As cabeças voltaram-se na direcção deles, e ouviram-se cumprimentos para Hopp, assim que ela atirou o capuz para trás, revelando uma massa primaveril de cabelo prateado. Os olhares prenderam-se em Nate, num misto de curiosidade e especulação, tocando a hostilidade directa devido à barba.

— Este é Ignatious Burke, o nosso novo Comandante da polícia. — Anunciou Hopp, ao abrir o fecho da parca. — Ali na mesa corrida temos Dex Trilby e Hans Finkle, aquele de olhar franzido no que é possível distinguir do seu rosto é Bing Karlovski. A empregada é Rose Itu. Como está o pequenito hoje, Rose?

— Inquieto. Bem-vindo, Comandante Burke.

— Obrigado.

— Este é O Professor. — Hopp bateu no ombro do Casaco de *Tweed*, ao aproximar-se do bar. — Notaste alguma coisa diferente nesse livro, desde a última vez que o leste?

— Há sempre alguma coisa. — Tirou um par de óculos de armação de metal para melhor ver Nate. — Grande viagem.

— Pois foi, — concordou Nate.

— Ainda não acabou. — Voltando a pôr os óculos, O Professor regressou ao livro.

— E este diabinho lindo é o Jesse, o filho de Rose.

O rapazinho mantinha a cabeça sobre o livro de colorir, mas ergueu o olhar, permitindo que os enormes olhos negros espreitassem por baixo da franja espessa de madeixas pretas. Estendeu o braço, puxou a parca de Hopp para ela se debruçar e ouvir o seu sussurro.

— Não te preocupes. Arranjamos-lhe um.

A porta atrás do bar abriu-se e revelou uma locomotiva negra enorme, de avental branco. — Mike Grande, — anunciou Hopp. — É o cozinheiro. Era da Marinha, até que se embeijou por uma das miúdas locais em Kodiak.

— Deitou-me cá um olhar de truta, — disse Mike Grande com um sorriso. — Bem-vindo a Lunacy.

— Obrigado.

— Queremos qualquer coisa boa e quente para o nosso novo Comandante da polícia.

— Hoje aconselho a sopa de peixe, — disse-lhe Mike Grande. — Acho que vai bem servido. A não ser que prefira antes morder um naco de carne, Comandante.

Nate demorou alguns momentos a identificar-se como *Comandante*. Momentos em que sentiu todos os olhares da sala dirigirem-se para si. — Pode ser a sopa. Parece-me bem.

— Trazemos-lha num instante. — Voltou para a cozinha, e Nate conseguiu ouvir a sua voz de barítono a entoar «*Baby, It's Cold Outside*». Cenário de um filme, postal, pensava ele. Ou uma peça de teatro. Para onde quer que se virasse, sentia-se como um adereço poeirento.

Hopp esticou o dedo para que Nate não saísse de onde estava, antes de marchar a caminho da recepção. Ele ficou a vê-la dar a volta ao balcão e tirar uma chave de um dos cubículos.

Ao fazê-lo, a porta por trás do balcão abriu-se. E a bomba saiu.

Era loura — como Nate achava que deveriam ser as bombas — com uma massa de cabelo ondulado, cor do Sol, aberto em leque até roçar uns seios impressionantes, ostentados pelo decote baixo da camisola azul e justa. Levou um minuto até olhar para o rosto, uma vez que a camisola estava presa nos jeans tão apertados que com certeza haviam magoado vários órgãos internos.

Não que se estivesse a queixar.

O rosto presenteava uns olhos azuis brilhantes com uma inocência em contraste directo com os lábios carnudos e vermelhos. Havia sido generosa na maquilhagem, o que o lembrou de uma boneca *Barbie*.

Uma *Barbie* de cair para o lado.

Apesar da indumentária reduzida, havia um movimento ritmado de tudo o que podia oscilar, à medida que ela dava a volta ao balcão nuns saltos altos finos e abertos atrás, deslizando até ao restaurante. Encostando-se ao bar, fez uma pose lânguida.

— Bom, olá, bonito.

A voz dela emitia um ronronar gutural — que devia ter treinado bastante — concebido para deixar a cabeça de um homem sem pinga de sangue, equiparando o seu QI ao de um nabo bem verde.

— Charlene, comporta-te. — Hopp bateu com a chave. — O rapaz está cansado e meio agoniado. Não tem estofa para lidar contigo agora. Comandante Burke, Charlene Hidel. A estalagem é dela. É o orçamento municipal que paga a sua estadia como parte do seu salário, por isso não se sinta obrigado a dar seja o que for em troca.

— Hopp, és tão *má*. — Mas ao falar, Charlene sorria como uma gatinha acariciada. — Que tal se eu o levar lá para cima, Comandante Burke, para que se possa instalar? Depois levamos-lhe qualquer coisa quente para comer.

— Eu acompanho-o lá acima. — Deliberadamente, Hopp cerrou o punho à volta da chave, deixando pendurado o grande rectângulo preto com o número do quarto. — O Bruto vai trazer as coisas dele. Era capaz de ser boa ideia pedir a Rose que lhe levasse a sopa de peixe que Mike está a preparar. Vamos, Ignatious. Pode socializar quando não estiver prestes a cair de exaustão.

Podia ter falado por si próprio, mas não via o interesse. Seguiu Hopp pela entrada e subiu alguns lanços de escadas, tão obediente quanto um cachorrinho que segue o dono.

Ouviu alguém murmurar, «*Cheechako*¹», num tom que alguém usaria para cuspir um naco de carne duro. Presumiu que se tratava de um insulto, mas ignorou.

— Charlene não faz por mal, — declarou Hopp. — Mas ela gosta bastante de provocar um homem ao máximo, se lhe derem hipótese.

— Não se preocupe comigo, Mamã.

Ela voltou a soltar aquela gargalhada intensa, e enfiou a chave na fechadura para destrancar o quarto 203.

— O marido foi-se embora há quinze anos, e deixou-a com a filha

¹ Palavra de origem indígena, utilizada no Alasca, que designa forasteiro, recém-chegado. (N. da T.)

para criar sozinha. Fez um belo trabalho com Meg, apesar de serem como cão e gato o tempo todo. Desde então já teve muitos homens, e todos os anos são sempre mais novos. Já lhe tinha dito que ela era muito velha para si. — Hopp olhava por cima do ombro. — Na verdade, ao ritmo que vai, acho que você é que é velho de mais para ela. Tem trinta e dois, não é?

— Tinha, quando saí de Baltimore. Há quantos anos foi isso?

Hopp abanava a cabeça, empurrando a porta. — Charlene leva-lhe mais de uma dúzia de anos de avanço. Tem uma filha crescida mais ou menos da sua idade. Talvez seja bom lembrar-se disso.

— Pensava que as mulheres gostavam, quando uma da vossa espécie fisga um homem mais novo.

— Só revela o quanto sabe de mulheres. Ficamos é danadas, por não o termos fisgado primeiro. Bom, aqui estamos.

Ele entrou no quarto de paredes de madeira, com uma cama de ferro, uma cómoda e um espelho de um lado e uma mesa pequena, duas cadeiras e uma pequena secretária do outro.

Era limpo, despojado, e quase tão interessante quanto um saco de arroz branco.

— Por aqui, encontra uma cozinha pequena. — Hopp aproximou-se, erguendo uma cortina azul para revelar um frigorífico diminuto, um fogão com dois bicos e um lava-louça do tamanho da palma da mão de Nate, fechada em concha. — Se não tiver na culinária uma paixão ou um *hobby*, aconselho-o a tomar as refeições lá em baixo. A comida aqui é boa.

— Não é o Ritz, e ela tem quartos melhores, mas o nosso orçamento é apertado. — Passou para o outro lado do quarto, abrindo a porta. — Casa de banho. Esta tem canalização interior.

— Uau. — Espreitou ele, esticando a cabeça.

O lavatório era maior do que o da cozinha, mas não muito. Não havia banheira, mas também um polibã chegava bem.

— Trouxe as suas coisas, Comandante. — Bruto segurava duas malas e um saco de viagem, como se estivessem vazios. Largou-os em cima da cama, e o seu peso abanou o colchão. — Se precisar de mim seja para o que for, estou lá em baixo a comer. Esta noite durmo cá, e de manhã voo para Talkeetna.

Bateu com o dedo na testa, em jeito de continência, e saiu batendo com os pés.

— Merda. Espere. — Nate começou a procurar nos bolsos.

— Eu trato de lhe dar gorjeta, — disse Hopp. — Até entrar ao serviço, é convidado da Câmara Municipal de Lunacy.

— Fico agradecido.

— Quero que trabalhe por isso, portanto veremos como corre.

— Serviço de quartos! — Cantarolou Charlene, ao entrar no quarto com um tabuleiro na mão. Balouçando as ancas como um metrônomo, dirigiu-se para a mesa, onde o pousou. — Trouxe-lhe uma bela sopa de peixe, Comandante, e uma sanduíche digna de um homem. O café está quente.

— Cheira muito bem. Obrigado, Menina Hidel.

— Oh, então, para si é Charlene. — Ela era uma provocadora nata e, sim, pensava Nate, costumava treinar. — Aqui somos todos uma grande família feliz.

— Se fosse esse o caso, não íamos precisar de um Comandante da polícia.

— Oh, não o assustes, Hopp. Gosta do quarto, Ignatious?

— Nate. Sim, obrigado. Está ótimo.

— Agora, vamos a comer qualquer coisa e a descansar, — aconselhou Hopp. — Quando tiver recuperado o fôlego, telefone-me. Mostro-lhe a cidade. O seu primeiro acto oficial vai ser assistir à reunião de amanhã à tarde na Câmara Municipal, onde o vamos apresentar a todos que comparecerem. Deve querer passar antes pela esquadra, e conhecer os dois adjuntos e Peach. E temos de lhe dar a estrela.

— Estrela?

— O Jesse certificou-se de que lhe davam uma estrela. Vamos, Charlene. Deixemos o homem em paz.

— Ligue lá para baixo, se precisar de alguma coisa. — Charlene lançou-lhe um sorriso convidativo. — *Seja* o que for.

Nas costas de Charlene, Hopp revirava os olhos para o céu. Resolvendo a questão, com a mão agarrou o braço de Charlene e puxou-a na direcção da porta. Ouviu-se os sapatos de salto alto raspar no soalho de madeira, um guincho feminino e a porta bater atrás delas.

Através dela, Nate conseguia ouvir o sussurro de Charlene, insultada: — Que raio é que se *passa* contigo, Hopp? Só estava a ser simpática.

— Existe a simpatia de estalajadeira, e a simpatia de bordel. Um dia destes, ainda vais descobrir a diferença.

Ele esperou até ter a certeza que elas se tinham ido embora, antes de ir trancar a porta. Depois, despiu a parca, deixando-a cair no chão, agarrou o gorro e puxou-o. Desenrolou o cachecol, e puxou-o também. Abriu o fecho do colete de penas e juntou-o à pilha de roupa.

Reduzido à camisa, calças, camisola interior térmica e botas, foi até à mesa, pegou na sopa, numa colher e levou ambas para junto das janelas escuras.

Eram três e meia da tarde, de acordo com o relógio da mesa-de-cabeceira — e era escuro como se fosse meia-noite. A iluminação das ruas estava acesa, reparou ele ao provar a sopa, e conseguia distinguir os contornos

dos edifícios. Decorações de Natal em luzes coloridas, em pais-natal e renas de cartão em cima dos telhados.

Mas não havia gente, nem vida, nem movimento.

Comia de forma mecânica, demasiado cansado, demasiado esfomeado para reparar no gosto.

Não havia nada para além daquela janela a não ser o cenário de um filme, pensava ele. Os edifícios podiam ter fachadas falsas, uma mão-cheia de pessoas que conhecera lá em baixo apenas personagens da ilusão.

Talvez tudo não passasse de uma alucinação elaborada, nascida da depressão, do sofrimento, da raiva — de um qualquer misto de sentimentos vil que o projectara numa espiral de vazio.

Acordaria na sua casa de Baltimore, e tentaria reunir energias para os gestos de mais um dia.

Pegou na sanduíche, comendo-a também de pé junto à janela, a olhar para o mundo vazio a preto e branco, com as suas estranhas luzes festivas.

Talvez fosse até lá fora, para o mundo vazio. Tornara-se personagem da invulgar ilusão. Depois, esfumar-se-ia na penumbra, como a última bobina de um filme antigo. E tudo acabaria.

Enquanto ali estava, meio a pensar que tudo acabaria, a desejar que sim, uma figura surgiu na imagem. Vestida de vermelho — vivo e arrojado — que parecia saltar daquela cena incolor, trazendo-lhe movimento.

Esses movimentos eram definidos e céleres. Vida com uma missão, movimento com um propósito.

Passadas rápidas, competentes sobre o branco, que deixava a sombra das pegadas na neve.

Estive aqui. Estou vivo e estive aqui.

Não conseguia perceber se era um homem, uma mulher ou uma criança, mas havia algo na visão das cores, na confiança do passo, que lhe prendeu a atenção e o interesse.

Como se sentisse que estava a ser observada, a silhueta parou e olhou para cima.

Nate voltou a ter a sensação de branco e preto. Rosto branco, cabelo preto. Mas até isso estava desfocado pela escuridão e a distância.

Houve um longo momento de imobilidade, de silêncio. Até que a silhueta começou a caminhar novamente, avançando na direcção d' A Estalagem, e desapareceu de vista.

Nate tapou a janela com as cortinas e recuou.

Depois de ponderar por instantes, tirou as malas de cima da cama, despejando-as no chão, por desfazer. Despiu-se, ignorando o frio do quarto que lhe gelava a pele nua, e rastejou para baixo da montanha de cobertores, como um urso que rasteja na caverna para hibernar.

Ali ficou, um homem de trinta e dois anos com uma despenteada massa de cabelo cor de avelã, que emoldurava um rosto comprido e magro que se rendera à exaustão e ao desespero, que enevoavam os seus olhos de um cinzento-fumado. Nos despojos do dia, a sua pele estava pálida da fadiga acumulada. Apesar de a comida ter serenado o turbilhão do seu estômago, o organismo ainda estava adormecido, como o de quem não consegue curar uma gripe persistente.

Desejava que a *Barbie* — Charlene — lhe tivesse levado uma garrafa, em vez de café. Não costumava beber muito, e talvez fosse por isso que se havia salvado de uma espiral de alcoolismo, juntamente com tudo o resto. Ainda assim, uns quantos copos inconsequentes haveriam de lhe desligar o cérebro e o pôr a dormir.

Agora podia ouvir o vento. Antes não o percebera, mas gemia de encontro à janela. Com ele, ouvia o edifício ranger e o som da própria respiração.

Três sons solitários, ainda mais solitários em unísono.

Não os ouças, dizia ele. *Não ouças nada*.

Ja dormir umas horas, pensou. Depois, tomava um duche para limpar os resquícios da viagem, enchendo-se de café.

Em seguida, ia decidir que raio ainda ia fazer.

Apagou a luz, até o quarto mergulhar na escuridão. Em segundos, também ele se embrenhou nela.

2.

A escuridão envolvia-o, engolindo-o como lama quando o sonho o arrancou do sono. A sua respiração palpitava à medida que rasgava a superfície, abrindo caminho para sorver o ar. A sua pele estava pegajosa de suor, e ele lutava por se livrar dos cobertores.

O cheiro no ar não lhe era familiar — cedro, café de véspera, um aroma ténue a limão. Depois lembrou-se que não estava no seu apartamento de Baltimore.

Enlouquecera, e estava no Alasca.

Os números luminosos do relógio da mesa-de-cabeceira diziam que eram cinco e quarenta e oito.

Logo, havia dormido um pouco antes de o sonho o perseguir de regresso à realidade.

No sonho também estava sempre escuro. Uma noite negra, a chuva pálida e suja. O cheiro a pólvora e sangue.

Bolas, Nate. Fui atingido.

A chuva fria a escorrer-lhe pela cara, o sangue quente a deslizar-lhe pelos dedos. O seu sangue, e sangue de Jack.

Não fora capaz de impedir o sangue de correr, assim como não fora capaz de impedir a chuva de cair. Estavam para além das suas capacidades e, naquele beco de Baltimore, haviam varrido o que restara dele.

Devia ter sido eu, pensava. Não Jack. Ele devia estar em casa com a mulher, com os filhos, e devia ter sido eu a morrer no beco nojento, debaixo daquela chuva nojenta.

Mas safara-se com uma bala na perna, e um segundo tiro, que entrara e saíra, mesmo acima da cintura, o suficiente para o deitar abaixo, atrasando-o, levando Jack a entrar primeiro.

Segundos, erros irrisórios, e um homem bom morria.

Tinha de viver com isso. Pensara em pôr termo à vida, mas tratava-se de uma solução egoísta e não fazia justiça ao amigo, o seu parceiro. Viver com isso era bem pior do que morrer.

Viver era um castigo maior.

Levantou-se e caminhou até à casa de banho. Deu por si pateticamente grato pelo jacto fino de água quente que brotava do chuveiro. Ia demorar um pouco, até o jacto de água arrastar o que pareciam camadas de fuligem e suor, mas não havia problema. Tinha muito tempo.

Ia vestir-se, descer as escadas e tomar um café. Talvez ligasse à Presidente Hopp, para ir dar uma olhadela à esquadra de polícia. Queria tentar ser um pouco mais coerente e limpar aquela primeira impressão de idiota de olhos mortifícios.

Sentia-se mais ele, depois do duche tomado e da barba feita. Desenterrando roupa lavada, cobriu-se com várias camadas.

Pegou nas protecções contra o frio e viu-se ao espelho. — Comandante da Polícia Ignatious Burke, Lunacy, Alasca. — Abanou a cabeça, e quase sorriu. — Bom, Comandante, vamos lá arranjar-lhe uma estrela.

Desceu as escadas, surpreendido pelo sossego aparente. Pelo que lera, lugares como A Estalagem eram o ponto de encontro dos locais. As noites de Inverno eram longas, escuras e solitárias, por isso esperava ouvir algum barulho no bar, talvez as bolas de bilhar a abrir o jogo, uma velha melodia *country* do Oeste, da *jukebox*.

Mal entrou, viu que a bela Rosa do Alasca estava a servir café, tal como fizera na véspera. Podiam até ser os mesmos clientes, Nate não tinha a certeza. O filho dela estava sentado numa mesa, a colorir de forma laboriosa.

Nate olhou para o relógio que acertara para a hora local. Sete e dez.

Rose virou-se da mesa e sorriu para ele. — Comandante.

— Que noite tranquila.

Todo o seu rosto se iluminou com um sorriso. — É de manhã.

— Perdão?

— São sete horas, da manhã. Aposto que lhe está a apetecer o pequeno-almoço.

— Eu...

— É natural demorar um bocado a habituar-se. — Acenou na direcção das janelas escuras. — Não tarda começa a clarear, daqui a algumas horas. Sente-se um pouco. Já lhe trago um café para acordar.

Dormira sem interrupções, e nem sequer sabia se havia de estar envergonhado ou maravilhado. Não se lembrava da última vez que dormira mais do que quatro ou cinco horas seguidas.

Colocou os agasalhos num dos bancos corridos e depois decidiu que faria um esforço por cultivar relações comunitárias. Dirigindo-se à mesa de Jesse, bateu com a mão nas costas de uma cadeira. — Este lugar está ocupado?

O rapaz espreitou devagar, por baixo da franja e abanou a cabeça. A morder a língua, continuou a colorir enquanto Nate se sentava.

— Mas que vaca roxa mais gira, — comentou Nate, estudando a obra em curso.

— As vacas não são roxas, a não ser que as pintes dessa cor.

— Ouvi dizer. Tens aulas de arte no liceu?

Jesse revirou os olhos. — Ainda não ando na escola porque só tenho quatro anos.

— Estás a gozar? Quatro? Pensava que tinhas pelo menos dezasseis. — Nate recostou-se, piscou o olho a Rose, ao que ela lhe trouxe uma caneca grossa e branca e lhe serviu o café.

— Fiz anos e tivemos bolo, e milhões de balões. Não foi, mãe?

— É verdade, Jesse. — Pousou a ementa ao lado do cotovelo de Nate.

— E vamos ter um bebé não tarda nada. E tenho dois cães e...

— Jesse, deixa o Comandante Burke ver a ementa.

— Na verdade, queria pedir ao Jesse que me recomendasse alguma coisa. O que é bom para o pequeno-almoço, Jesse?

— Panquecas!

— Panquecas será. — Devolveu a ementa a Rose. — Estamos bem.

— Se mudar de ideias, avise-me. — Mas tinha as faces rosadas de regozijo.

— Que tipo de cães? — Perguntou Nate, e passou o pequeno-almoço a ouvir as descrições dos animais de estimação de Jesse.

Um prato de panquecas e um rapazinho encantador era uma forma bem melhor de começar o dia do que com um pesadelo recorrente. Mais bem-disposto, Nate estava prestes a telefonar a Hopp quando ela apareceu à porta.

— Ouvi dizer que já tinha acordado, — disse ela, e atirou o capuz para trás. Da parca caíam alguns flocos de neve. — Parece mais em forma do que ontem.

— Desculpe ter fraquejado.

— Não há problema. Teve uma bela noite de sono, saboreou um pequeno-almoço decente, em boa companhia, — acrescentou, com um sorriso para Jesse. — Apetece-lhe uma visita guiada?

— Claro. — Levantou-se para vestir a colecção de agasalhos.

— É mais magro do que pensava.

Ele ergueu o olhar para Hopp. Sabia que parecia doente. Um homem que perdeu mais de quatro quilos e meio numa curva de cento e oitenta graus, dentro de uma lata com um metro e meio por três, normalmente ficava doente. — Isso vai acabar, se continuar a comer panquecas.

— E muito cabelo.

Puxou o gorro. — Não pára de crescer.

— Gosto de um homem cabeludo. — Abriu a porta. — Especialmente ruivos.

— Mas o meu cabelo é castanho, — corrigiu ele automaticamente, e enterrou o gorro ainda mais.

— Está bem. Senta-te um bocado, Rose, — gritou para dentro, para depois enfrentar o vento e a neve.

O frio atingiu-o como um comboio em andamento. — Chiça. Até me saltam os olhos das órbitas.

Saltou para o *Ford Explorer* que ela estacionara junto ao passeio. — O seu sangue ainda não engrossou.

— Até podia estar espesso como pasta, que não ia deixar de estar um frio de merda. Desculpe.

— Não costumo corar com palavrões. Claro que está um frio de merda; estamos em Dezembro. — Ao ritmo da sua sonora gargalhada, ligou o motor. — Vamos começar a visita de carro. Não adianta andarmos aos trambolhões no escuro.

— Quantos é que costumam sucumbir à exposição aos elementos e à hipotermia num ano?

— Já perdi alguns nas montanhas, mas a maioria deles são turistas ou loucos. Um homem chamado Teek, uma noite apanhou uma bebedeira de caixão à cova, faz Janeiro próximo três anos, e morreu congelado na sua casa de banho exterior, a ler a revista *Playboy*. Mas ele era um idiota. As pessoas que vivem aqui sabem tomar conta de si, e os *cheechakos* que sobrevivem ao Inverno, aprendem — ou vão embora.

— *Cheechakos*?

— Forasteiros. Não devemos menosprezar a natureza, mas aprende-

mos a viver com ela, e se formos espertos, usamo-la a nosso favor. Aproveitamos o ar livre — *ski*, caminhar na neve, andar de *skate* no rio, pescar no gelo. — Encolheu os ombros. — Temos cuidado e tiramos partido do frio, uma vez que veio para ficar.

Conduzia com uma competência impecável na estrada coberta de neve. — Ali é a nossa clínica. Temos um médico e uma enfermeira especializada.

Nate estudava o edifício pequeno e atarracado. — E se não derem conta do recado?

— Voam para Anchorage. Temos um piloto do mato que vive nos arredores da cidade. Meg Galloway.

— Uma mulher?

— É machista, Ignatious?

— Não. — *Talvez*. — Era só para saber.

— Meg é filha de Charlene. Uma piloto fantástica. Um pouco doida, mas um bom piloto do mato tem de o ser, na minha opinião. Ela podia tê-lo trazido de Anchorage, mas chegou um dia mais tarde do que o previsto, e ela tinha outra marcação, por isso ligámos ao Bruto de Talkeetna. É capaz de ver Meg mais tarde, na reunião municipal.

E vai ser mesmo divertido, pensava Nate.

— A Loja da Esquina — tem tudo o que precisa, senão arranjam uma forma de o encontrar. É o edifício mais antigo de Lunacy. Os caçadores construíram-no no início de 1800, e Harry e Deb fizeram obras de expansão, quando o compraram em 83.

Era do dobro do tamanho da clínica, e tinha dois andares. As luzes já reluziam nas janelas.

— Temporariamente, os correios funcionam no banco, mas este Verão vamos conseguir abrir uma estação. E aquele sítio minúsculo ao lado é a Casa Italiana. Tem uma boa pizza. Não entregam para fora da cidade.

— Uma pizaria.

— Italiano de Nova Iorque, chegou aqui há três anos, numa expedição de caça. Apaixonou-se. Nunca mais de cá saiu. Johnny Trivani. No início chamou-lhe *Trivani's*, mas toda a gente lhe chamava a Casa Italiana, e assim ficou. Fala-se em acrescentar uma padaria. Diz que vai arranjar uma daquelas noivas russas por correspondência, que se vê na internet. Talvez o faça.

— Vai fazer *blinis* caseiros?

— Esperemos que sim. O jornal da cidade fica naquela loja, — disse ela, apontando. — O casal que o dirige está fora. Levaram os miúdos a San Diego, aproveitando as férias da escola, logo a seguir ao Natal. KLUN — rádio local — emite dali. Mitch Dauber dá conta dela quase sempre sozinho. É um sacana que sabe ser muito divertido.

— Vou sintonizar.

Deu a volta, voltando ao caminho que tinham acabado de percorrer. — Cerca de oitocentos metros a oeste da cidade fica a escola — desde o jardim-de-infância até ao liceu. De momento, tem setenta e oito alunos. Também lá temos aulas para adultos. Aulas de ginástica, arte, esse tipo de coisa. Desde a quebra até ao gelo, costumam ser à noite. Mas depois passam para de dia.

— Quebra? Gelo?

— Quando o gelo quebra no rio, é porque vem aí a Primavera. Quando o rio congela, é altura de vestir ceroulas.

— Entendi.

— Temos quinhentas e seis almas no que chamamos o centro da vila, e mais cento e dez — aproximadamente — a viver fora, mas ainda no nosso distrito. Agora o *seu* distrito.

Ainda parecia a Nate que se encontrava no estúdio de cinema, longe do mundo real. Mais ainda do seu mundo.

— Os bombeiros — todos voluntários — são ali. E aqui é a Câmara Municipal. — Abrandou o carro e parou diante de um grande edifício de madeira. — O meu marido ajudou a construí-lo há treze anos. Foi o primeiro Presidente da Câmara de Lunacy, e manteve o cargo até morrer, faz em Fevereiro quatro anos.

— Morreu de quê?

— Ataque cardíaco. Tinha ido jogar hóquei no lago. Fez um golo, caiu para o lado e morreu. Típico dele.

Nate aguardou um instante. — Quem é que ganhou?

Hopp desatou a rir. — O golo que ele marcou empatou o jogo. Nunca chegaram a acabar a partida. — Acelerou o carro. — Chegámos.

Nate espreitou para a escuridão e para a neve que caía. Viu um edifício cuidado, de estrutura de madeira, e era óbvio que era mais recente do que os restantes. Apresentava um estilo *bungalow*, com um alpendre pequeno e coberto e duas janelas, uma de cada lado da porta, ambas emolduradas com portadas verdes-escuras.

Havia sido aberto um caminho à pazada ou sulcado da rua até à porta, e uma pequena entrada para carros, que parecia ter sido escavada há pouco tempo, já começava a ficar coberta de alguns centímetros de neve fresca. Uma carrinha *pickup* azul estava estacionada, e outro caminho pedestre estreito serpenteava na direcção da porta.

Em ambas as janelas havia luzes acesas e, no telhado, saía fumo de um tubo de chaminé preto, numa nuvem cinzenta.

— Estamos abertos?

— Claro que sim. Sabem que está para chegar hoje. — Passou por trás da carrinha. — Está pronto para conhecer a equipa?

— Mais do que nunca.

Saiu do carro, para descobrir que estava tão chocado com o frio como da primeira vez. Respirando entre dentes, caminhava atrás de Hopp pelo carro estreito até à porta da rua.

— Cá em cima é a isto que chamamos uma entrada do Ártico. — Passou na entrada coberta, abrigada do vento e do mau tempo. — Ajuda a minimizar as perdas de calor do edifício principal. É um belo sítio para despir a parca.

Livrou-se da dela, pendurando-a num gancho ao lado de outra. Nate imitou-a e tirou também as luvas, enfiando-as num dos bolsos da parca. Em seguida, tirou o gorro e o cachecol. Perguntava-se se algum dia se ia habituar a equipar-se como um explorador do Pólo Norte sempre que tinha de sair porta fora.

Hopp empurrou a segunda porta, e entrou para o aroma a madeira queimada e café.

As paredes estavam pintadas de bege industrial, o pavimento revestido de linóleo às manchas. Ao fundo à direita havia um pequeno fogão a lenha. Em cima dele, uma grande chaleira de ferro fundido projectava vapor do bico.

Havia duas secretárias de metal, tocando-se à direita na sala, e à esquerda uma fila de cadeiras de plástico e uma mesa de apoio com revistas espalhadas em cima. Ao longo da parede do fundo, antevia-se um balcão com uma portinhola basculante, um computador e um centro de mesa de uma árvore de Natal de cerâmica de um verde jamais recriado pela natureza.

Reparou nas portas de cada lado, o quadro informativo onde eram afixados avisos e notas.

E nas três pessoas que fingiam não o fixar com o olhar.

Presumia que os dois homens eram os seus adjuntos. Um parecia mal ter idade para votar e o outro velho o suficiente para ter votado em Kennedy. Ambos envergavam pesadas calças de lã, botas robustas e camisas de flanela com os distintivos presos a elas.

O mais novo era nativo do Alasca, de cabelo negro e liso a cair quase até aos ombros, olhos amendoados, negros como a meia-noite, e uma sofrida expressão jovem e inocente no rosto de linhas robustas.

O mais velho estava curtido pelo vento, de cabelo curto e maçãs do rosto flácidas, olhos azuis um pouco vesgos que terminavam em grandes sulcos. A sua constituição forte contrastava com a delicadeza do companheiro. Nate achava que devia ser ex-militar.

A mulher era redonda como uma baga, de faces rosadas e rechonchudas e um peito generoso por baixo de uma camisola cor-de-rosa, bor-

dada com flocos de neve brancos. O cabelo grisalho tomava a forma de um carrapito no alto da cabeça. Nele espetara um lápis e nas mãos trazia um prato de bolos com cobertura de açúcar.

— Bom, o pessoal está cá todo. Comandante Ignatious Burke, esta é a sua equipa. Adjunto Otto Gruber.

A equipa deu um passo em frente, estendendo a mão. — Comandante.

— Adjunto Gruber.

— Adjunto Peter Notti.

— Comandante Burke.

Algo no sorriso hesitante chamou-lhe a atenção. — Adjunto, tem algum laço familiar com Rose?

— Sim, senhor. É minha irmã.

— E por último, a sua despachante, secretária e portadora de bolinhos de canela, Marietta Peach.

— Fico contente com a sua vinda, Comandante Burke. — Tinha uma voz tão sulista quanto um *julep* de menta sorvido numa varanda. — Espero que se esteja a sentir melhor.

— Sim. Obrigado, Sra. Peach.

— Vou mostrar o resto da esquadra ao Comandante, e depois deixo-vos para que se apresentem. Ignatious, que tal irmos ver as instalações dos... hóspedes?

Indicou o caminho passando a porta à direita. Havia duas celas, ambas com beliches. As paredes pareciam pintadas de fresco, o chão polido há pouco tempo. Cheirava a *Sonazol*.

Não havia inquilinos.

— Costumam ter muito uso? — Perguntou Nate.

— Bêbedos e desordeiros, principalmente. Em Lunacy, é preciso estar muito bêbedo e causar muita desordem para passar a noite na cadeia. É capaz de ter algumas agressões, vandalismo ocasional, mas isso costuma ser obra de miúdos aborrecidos. Deixo que a sua equipa o ponha a par do crime em Lunacy. Não temos nenhum advogado, por isso se alguém fizer questão de ter um, tem de vir de Anchorage ou de Fairbanks, a não ser que conheçam outro noutro sítio qualquer. Temos um juiz aposentado, mas é mais provável que esteja a pescar no gelo do que a tratar de questões legais.

— Ok.

— Bolas, já me dói a cabeça de o ouvir falar.

— Nunca consigo ficar calado.

Soltando um riso breve, ela abanou a cabeça. — Vamos ver o seu gabinete.

Voltaram a atravessar o espaço comum, onde todos fingiam estar a trabalhar. Do outro lado do balcão da Sra. Peach, logo a seguir à entrada, ficava o armário das armas. Ele contou seis caçadeiras, cinco espingardas, oito revólveres e quatro facas de aspecto ardiloso.

Enfiou as mãos nos bolsos, mordendo os lábios. — O quê? Não há nenhuma espada a sério?

— Mais vale prevenir do que remediar.

— Pois. Não vá haver alguma invasão.

Ela apenas sorriu e atravessou a porta junto ao armário. — Aqui fica o seu gabinete.

Tinha cerca de um metro quadrado, com uma janela por trás de uma secretária de metal cinzenta. Em cima dela, um computador, um telefone e um candeeiro preto extensível. Haviam sido empurrados contra a parede dois armários de arquivo, com uma espécie de balcão que servia ambos. Em cima, uma máquina de café — já cheia — e duas canecas de faiança castanhas, um cesto com pacotes de natas e açúcar. Viu um *placard* de cortiça — vazio — duas cadeiras desmontáveis para visitas e cabides para pendurar os casacos.

As luzes reflectidas no vidro escuro da janela davam um ar impessoal e estranho.

— Peach deixou tudo o que precisa na sua secretária, mas se precisar de mais alguma coisa, o armário do economato fica ao fundo do corredor. A casa de banho é em frente.

— Ok.

— Alguma dúvida?

— Tenho montes de dúvidas.

— Porque é que não as coloca?

— Está bem. Vou perguntar uma coisa, uma vez que o resto depende disso. Porque é que me contratou?

— É justo. Importa-se? — Indagou ela, ao gesticular para a cafeteira.

— Sirva-se.

Ela deitou café em duas canecas para ambos, entregou-lhe uma e depois sentou-se numa das cadeiras desmontáveis. — Precisávamos de um Comandante da polícia.

— Talvez.

— Somos pequenos, remotos e costumamos resolver os nossos problemas, mas isso não quer dizer que dispensemos uma estrutura, Ignatious. Que não tenhamos de demarcar uma linha entre o certo e o errado, e de alguém que represente essa linha. O meu marido trabalhou por isso muitos anos, até dar o último fôlego.

— E agora é a sua vez.

— É verdade. Agora sou eu. Além disso, termos uma força policial nossa significa que podemos continuar a tomar conta de nós próprios. Não envolvemos os federais nem o governo. Uma cidade como esta pode ser ignorada pelo que é e por onde se encontra. Mas agora temos uma força policial, bombeiros. Temos uma boa escola, uma boa estalagem, um jornal semanário, uma estação de rádio. As condições atmosféricas costumam isolar-nos do mundo, por isso aprendemos a ser auto-suficientes. Mas precisamos de ordem, e esta casa e as pessoas que aqui trabalham são o símbolo dessa ordem.

— Contratou um símbolo.

— Por um lado, foi isso mesmo que fiz. — Os seus olhos castanhos-avelã fixaram os dele. — As pessoas sentem-se mais seguras com símbolos. Por outro lado, espero que faça o seu trabalho, e grande parte desse trabalho, para além de manter a ordem, é de relações comunitárias — e foi por isso que aproveitei para lhe mostrar as actividades da cidade, e lhe dei os nomes de quem é dono do quê. Mas há mais. Bing tem uma oficina, conserta qualquer motor que lhe leve, e também trabalha com maquinaria pesada. Limpa-neves, retroescavadoras. A *Lunatic Air* transporta carga e passageiros, e traz mantimentos para a cidade, até os faz chegar ao mato.

— *Lunatic Air*.

— No fundo, é a Meg, — disse Hopp, meio a sorrir. — Aqui estamos na orla do Interior, e fomos crescendo, de uma colónia de gente aventureira, hippies, e agitadores, e agora somos uma vila estruturada. Vai acabar por conhecer a população desta vila, os relacionamentos, os ressentimentos e as ligações. Só então vai perceber como lidar com tudo isso.

— O que me leva à questão inicial. Porque é que me contratou? Porque não trazer alguém que já saiba tudo isso?

— Parece-me que alguém que já saiba tudo isso pode assumir este trabalho como uma agenda pessoal. Ressentimentos, ligações pessoais. Se trouxermos alguém do Exterior, vai começar de novo. Você é jovem; isso pesou a seu favor. Não era casado nem tinha filhos, que podiam não assimilar esta vida e pressioná-lo a descer aos *Lower 48*². Tem mais de dez anos de experiência na polícia. Tinha as habilitações que eu procurava — e não regateou o salário.

— Estou a ver, mas também existe o outro lado. Não sei que raio é que ando a fazer.

— Mmm. — Ela acabou de beber o café. — Você parece-me um jovem inteligente. Não tarda a descobrir. Entretanto. — Levantou-se. — Vou

² Conjunto de Estados norte-americanos continentais, que exclui o Havai e o Alasca. (N. da T.)

deixá-lo ambientar-se. A reunião é às duas, na Câmara Municipal. Prepare-se para dizer algumas palavras.

— Oh, bolas.

— Mais uma coisa. — Enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa. — Isto vai dar jeito. — Abrindo-a, tirou a estrela de prata e fixou-a na camisa dele. — Vemo-nos às duas, Comandante.

Ele ali ficou, no meio da sala, a contemplar o café enquanto ouvia as vozes sussurradas lá fora. Não sabia o que estava a fazer — era a mais pura verdade — por isso, achou melhor delinear um local por onde começar, e pronto.

Hopp tinha razão. Não tinha mulher, nem filhos. Não tinha nada nem ninguém que o puxasse para os *Lower 48*. Para o mundo. Ia ficar ali, e tinha de se sair bem. Se desperdiçasse tudo, aquela estranha oportunidade no extremo do universo, não tinha mais para onde ir. Ficava sem mais nada para fazer.

O seu estômago estremeceu com o mesmo desconforto nervoso que sentira no avião, ao sair com o café para a área comum.

— Ah, se me pudessem dar alguns minutos.

Não estava certo de onde devia ficar, e depois percebeu que não devia ficar de pé. Pousou o café e avançou, para pegar em duas cadeiras de plástico. Depois de as levar para as secretárias, voltou a agarrar no café e desencantou um sorriso para Peach.

— Sra. Peach? Importa-se de se sentar aqui um pouco? — E apesar de a imagem de bolos empilhados lhe cair em fraqueza no estômago, conseguiu ostentar um sorriso. — Talvez pudesse trazer alguns desses bolinhos de canela. Cheiram mesmo muito bem.

Bastante satisfeita, levou o prato com ela e um molho de guardanapos. — Rapazes, sirvam-se.

— Imagino que a situação seja tão constrangedora para vocês como é para mim, — começou Nate, ao pegar num bolo com um guardanapo. — Não me conhecem. Não sabem que espécie de polícia sou. Não sou destas bandas, e não sei patavina desta parte do mundo. E vocês devem acatar ordens minhas. Vão acatar ordens minhas, — corrigiu, e deu uma dentada no bolo.

— Isto é pecado puro.

— O segredo está na banha.

— Aposto que sim. — Visualizou cada uma das suas artérias a comprimir-se. — É difícil acatar ordens de alguém que não conhecemos, em quem não confiamos. Não têm razões nenhuma para confiar em mim. Ainda. Vou errar. Não me importo que me digam isso mesmo, desde que mo digam em privado. Também vou confiar que vocês, todos, me mante-

nham actualizado. Em relação ao que devo saber, às pessoas que tenho de conhecer. Mas por agora, quero saber se algum de vocês tem algum problema comigo. Vamos abrir o jogo agora, e resolver o assunto.

Otto bebericou o café. — Só saberei se tenho algum problema quando perceber do que é feito.

— É justo. Se sentirem que há algum problema, digam-me. Talvez veja as coisas pelo vosso prisma, ou talvez vos mande dar uma curva. Mas saberemos com que contar.

— Comandante Burke?

Nate olhou para Peter. — É Nate. Espero sinceramente que as pessoas não imitem a Presidente Hopp e desatem todas a chamar-me Ignatious.

— Bom, estava a pensar que talvez no início eu ou o Otto o devêssemos acompanhar nas saídas, e na patrulha também. Só até conhecer a zona.

— Acho boa ideia. A Sra. Peach e eu vamos começar a elaborar um calendário de turno, semanal.

— Pode começar a chamar-me Peach. Só gostava de dizer que espero que este local se mantenha limpo e que as tarefas — que incluem lavar a casa de banho, Otto — sejam incluídas no calendário como tudo o resto. As esfregonas, os baldes e as vassouras não são só ferramentas de mulheres.

— Assinei contrato de adjunto, não de criada.

Ela tinha um rosto suave e maternal. E, como qualquer mãe dedicada, conseguia trespassar ferro com um olhar firme. — E a mim pagam-me para trabalhar como despachante e secretária, não para esfregar sanitas. Mas o que tem que ser, tem muita força.

— Porque é que não estabelecemos uma rotatividade nas tarefas, por enquanto? — Interrompeu Nate, ao ver ambos os rostos iluminarem-se com o fogo do confronto. — E eu falo com a Presidente Hopp para dar um jeito no orçamento. Talvez seja possível arranjar alguém que trate das limpezas uma vez por semana. Quem é que tem as chaves do armário das armas?

— Estão trancadas na minha gaveta, — disse Peach.

— Gostava de ficar com elas. E também de saber que armas é que os adjuntos estão mais habilitados a usar.

— Se for uma arma, sei usá-la, — ripostou Otto.

— Não duvido nada, mas vamos usar distintivos. — Inclinou a cadeira para trás, para conseguir ver a arma que Otto trazia no coldre. — Quer manter a .38 como arma de serviço?

— É a minha, e gosto dela.

— Óptimo. Eu fico com a SIG 9mm que está no armário. Peter, sente-se bem com a 9 que traz?

— Sim, senhor.

— Peach, sabe usar uma arma de fogo?

— Também tenho um revólver Colt .45 que era do meu pai trancado na secretária. Ele ensinou-me a disparar quando tinha cinco anos. E sei usar qualquer uma das que estão no armário, tal como aqui o *GI Joe*.

— Servi no Corpo, — ripostou Otto, com alguma indignação. — Sou Fuzileiro.

— Está bem. — Nate pigarreou. — Quantos residentes é que acham que têm porte de arma?

Os três fixaram o olhar nele, até que, por fim, Otto esboçou um sorriso. — Praticamente todos.

— Ótimo. Temos uma lista dos residentes que têm licença de porte oculto?

— Posso tratar disso, — voluntariou-se Peach.

— Agradecia. E há alguma cópia do regulamento camarário?

— Vou buscar.

— Só mais uma coisa, — disse Nate ao ver Peach levantar-se. — Se tivermos de prender alguém, quem é que estabelece a fiança, decide a duração, o pagamento da multa, e essas coisas?

Houve um longo silêncio antes de Peter falar. — Acho que é você, Comandante.

Nate soltou um suspiro. — Não vai ser divertido?

Voltou para o seu gabinete, levando a papelada que Peach lhe entregara. Não demorou muito a ler tudo, mas ficou com algo para afixar no *placard* de cortiça.

Estava a arrumar as folhas, a bater com elas na secretária, quando Peach entrou. — Tenho estas chaves para si, Nate. São do armário das armas. Estas são das portas da esquadra, a da frente e a das traseiras, das celas e do seu carro. Todas têm etiquetas.

— O meu carro? Qual é?

— Um *Grand Cherokee*. Está estacionado ali fora, na rua. — Largou as chaves na mão dele. — Hopp disse que um de nós devia saber mostrar-lhe como funciona o aquecimento do motor.

Também havia lido sobre aquilo: os aquecedores concebidos para manter o motor quente, quando tudo o resto está a temperaturas abaixo de zero. — Já lá vamos.

— O Sol está a nascer.

— O quê? — Virou-se e olhou pela janela.

Então, estacou, os braços caídos ao longo do corpo, as chaves a pesarem-lhe na mão, enquanto o Sol irradiava uma cor de laranja e se elevava no céu. As montanhas ganhavam vida, enormes e brancas com os fios dourados a deslizar na sua superfície.

Enchiam-lhe a janela. Deixavam-no sem fala.

— Não há nada como o primeiro nascer do Sol de Inverno no Alasca.

— Parece que sim. — Abismado, aproximou-se da janela.

Conseguia ver o rio onde aterrara — uma doca comprida e sinuosa em que não havia reparado, e o brilho do gelo sob o céu resplandecente. Via as colinas de neve, um aglomerado de casas, grupos de árvores — e reparava, pessoas. Havia pessoas, de tal forma agasalhadas que mais pareciam bolas de cor a deslizar sobre o branco.

O fumo elevava-se, e seria possível, uma águia a sobrevoar lá em cima? Ao observá-la, um grupo de crianças apareceu a correr na direcção do braço gelado de rio, de *sticks* de hóquei na mão e *skates* sobre os ombros.

E as montanhas presidindo a tudo, como deusas.

Ao observá-las, esqueceu-se do frio, do vento, do isolamento e da sua própria infelicidade silenciosa.

Ao observá-las, sentiu-se vivo.

3.

Talvez estivesse demasiado frio, talvez as pessoas se estivessem a comportar bem de mais, ou talvez o espírito natalício estivesse enraizado naquela semana entre o Natal e o Ano Novo, mas era quase meio-dia quando receberam o primeiro telefonema.

— Nate? — Peach apareceu à porta dele com as agulhas de tricotar e um pedaço de lã roxa pendurado. — A Charlene ligou d' A Estalagem. Parece que uns rapazes andaram à zaragata por causa de um jogo de bilhar. Andam para lá aos empurrões.

— Está bem. — Levantou-se, procurando uma moeda no bolso ao sair. — Escolham, — disse a Otto e a Peter.

— Cara. — Otto pousou a revista *Field & Stream* enquanto Nate atirava a moeda ao ar.

Bateu com ela nas costas da mão. — Coroa. Ok. Peter, venha comigo. É uma pequena alteração n' A Estalagem. — Agarrou no coldre e prendeu-o ao cinto.

Dirigiu-se para a entrada e começou a agasalhar-se. — Se a coisa ainda não se tiver descontrolado até lá chegarmos, — disse ele a Peter, — quero que me diga logo quem são os envolvidos, para ficar com uma ideia. Se acha que alguma coisa pode correr mal ou se conseguimos resolver a questão com uns quantos gritos.

Empurrou a porta, deixando entrar o ar frio e cortante. — Aquele é o meu? — Perguntou, acenando para o *Jeep* preto estacionado junto ao passeio.

— Sim, senhor.

— E aquele cabo ligado ao poste deve ir dar ao aquecedor do motor.

— É necessário sempre que ficar parado algum tempo. Na mala está um cobertor *Mylar*, que dá para tapar o motor e mantê-lo quente durante cerca de vinte e quatro horas. Mas por vezes as pessoas esquecem-se de o tirar, o que leva a sobreaquecimento. Também lá estão cabos de bateria, — continuou ele, ao puxar a ficha. — Foguetes de sinalização, estojo de primeiros socorros e...

— Já vemos isso tudo, — interrompeu Nate, perguntando-se se conduzir por uma rua chamada *Lunatic Street* precipitaria a necessidade dos foguetes de sinalização e do estojo de primeiros socorros. — Veremos se consigo levar-nos inteiros até à A Estalagem.

Saltou para trás do volante e enfiou a chave na ignição. — Bancos aquecidos, — reparou ele. — Deus existe.

A cidade parecia diferente à luz do dia, não havia dúvida. Bastante mais pequena, pensava Nate ao manobrar pela estrada coberta de neve. Os tubos de escape enegreciam as bermas brancas e as montras das lojas não primavam pelo asseio, sendo a maioria das decorações de Natal mais usadas iluminada pelo Sol.

Não era um postal, excepto se o olhar se soltasse para as montanhas, mas estava longe de ser lúgubre.

Rude era um termo melhor, decidiu. Era uma comunidade esculpida no gelo, na neve e na pedra, acompanhando de perto um rio sinuoso, rodeada de florestas onde conseguia imaginar com facilidade lobos a vaguear.

Não sabia se as florestas também tinham ursos, mas decidiu que não valia a pena preocupar-se com isso até à Primavera. A não ser que o que se dizia sobre hibernação fossem tretas.

Demorou menos de dois minutos a conduzir da esquadra até à estalagem. Viu um total de dez pessoas na rua e passou por uma *pickup* bojuda, um *SUV* desajeitado e contou três limpa-neves estacionados e uma quantidade de *skis* encostados à Casa Italiana.

Parecia que as pessoas não costumavam hibernar em Lunacy, independentemente dos ursos.

Foi até à porta principal d' A Estalagem e entrou, com Peter logo atrás.

Ainda não havia acabado. Conseguia perceber isso com clareza, através dos gritos de incentivo — *dá-lhe um chuto no cu gordo, Mackie!* — e o som abafado de empurrões e grunhidos. O que Nate avaliara era um ajun-

tamento típico de Lunacy, que consistia em cinco homens em camisas de flanela, um dos quais, após um olhar mais atento, se veio a verificar tratar-se de uma mulher.

Rodeados por eles, dois homens de cabelo castanho e despenteado rolavam no chão, tentando acertar murros certos um no outro. A única arma que viu foi um taco de bilhar partido.

— Os irmãos Mackie, — informou Peter.

— Irmãos?

— Sim. Gémeos. Desde o ventre que andam à pancada um com o outro. Quase nunca se metem com mais ninguém.

— Ok.

Nate abriu caminho entre a amálgama de corpos unidos. Os gritos diminuíram para murmúrios, ao verem-no aproximar-se e agarrar no Mackie de cima para que largasse o Mackie que estava em baixo.

— Pronto, vamos a separar. Fica aí, — ordenou ele, mas o Mackie número dois já se levantava, puxando a mão a trás. Acertou um murro sólido no maxilar no irmão.

— *Rio vermelho*, já comeste! — Gritou, e depois iniciou a dança da vitória, de punhos erguidos, enquanto o irmão esperneava nos braços de Nate.

— Peter, por amor de Deus, — exclamou Nate ao ver o adjunto imóvel.

— Oh, desculpe, Comandante. Jim, vê se te acalmas.

Em vez disso, Jim Mackie continuava a mostrar as garras, para gáudio da multidão.

Nate viu dinheiro a passar de mãos, mas decidiu ignorar.

— Agarre neste. — Nate empurrou o homem inconsciente para Peter e avançou para o autoproclamado campeão. — O adjunto deu-te uma ordem.

— Foi? — De sorriso irónico, revelava sangue nos dentes e um brilho malévolo nos olhos castanhos. — E depois? Aquele anormal não me dá ordens.

— Isso é que dá. E já te mostro porquê. — Nate fez o homem girar, encostou-o contra a parede, pôs-lhe as mãos atrás das costas e algemou-o em dez segundos.

— Hei! — Foi a única coisa que o campeão em título conseguiu dizer.

— Chateia-me, e vais apodrecer na cela por resistência a detenção, entre outras coisas. Peter, traga esse para a esquadra quando acordar.

Sem lealdade aparente, a multidão mudou o apoio para Nate, gritando e assobiando, enquanto ele carregava Jim Mackie na direcção da porta.

Nate fez uma pausa ao ver Charlene sair da cozinha. — Quer apresentar queixa? — Perguntou-lhe.

Ela fitava-o, acabando por pestanejar. — Eu... bom, raios, não sei. Nunca ninguém me perguntou isso. Que tipo de queixa?

— Partiram algumas coisas lá atrás.

— Oh. Bom, eles acabam sempre por pagar tudo. Mas afugentaram uns turistas que iam pedir almoço.

— Foi o Bill que começou.

— Oh, então, Jim, começam sempre os dois. Sempre. Já vos disse que não quero que andem aqui à luta, a causar desacatos e a afugentar as pessoas. Não quero apresentar queixa. Só quero que esta parvoíce acabe. E que me paguem os estragos.

— Entendido. Vamos resolver isto, Jim.

— Não percebo porque tenho de...

Nate resolveu a questão empurrando-o para o frio.

— Hei, por amor de Deus, preciso dos meus agasalhos.

— O Adjunto Notti já trata disso. Entra no carro, ou ficas aqui a congelar. Tu é que sabes. — Abriu a porta e empurrou Jim lá para dentro.

Assim que Nate se sentou ao volante, Jim recuperou alguma dignidade, apesar de ter a boca a sangrar e o olho inchado. — Não me parece que se devam tratar assim as pessoas. Não está certo.

— Eu acho que não está certo bateres no teu irmão enquanto alguém lhe agarra os braços.

Jim teve a graça de parecer humilhado, e mergulhou o queixo no peito. — Entusiasmei-me. Com o calor do momento. E o filho da puta irritou-me. Você é o Forasteiro que foi nomeado Comandante da polícia, não é?

— És perspicaz, Jim.

Jim amouu durante a curta viagem até à esquadra. Em seguida, arrastou os pés, enquanto Nate o levava lá para dentro.

— Este é dos *Lower 48*, — disse ele assim que viu Otto e Peach, — não percebe como as coisas se fazem em Lunacy.

— Porque é que não lhe explicas isso tudo? — Havia um brilho nos olhos de Otto. Era possível que fosse de satisfação.

— Preciso do estojo de primeiros socorros. Vai para o meu gabinete, Jim.

Nate deixou-o entrar, sentou-o numa cadeira e, depois de abrir uma das algemas, prendeu-a ao braço da cadeira.

— Ah, então. Se quisesse fugir, podia arrastar esta cadeira da treta comigo.

— Claro que sim. E depois juntava roubo de propriedade da polícia às acusações.

Jim amou outra vez. Era um homem ossudo, com cerca de trinta anos, e uma cabeleira castanha e farta, rosto estreito afundado nas faces. Os olhos eram castanhos, o esquerdo bastante inchado por causa dos murros certos. Tinha o lábio aberto, que continuava a sangrar.

— Não gosto de si, — concluiu.

— Isso não é crime. Distúrbios, destruição de propriedades, agressão. Isso já é.

— Por estes lados, se um homem quiser desancar o irmão, o problema é dele.

— Isso acabou. Por estes lados, um homem vai ter de respeitar a propriedade privada e a propriedade pública. Vai ter de respeitar os agentes da lei nomeados para os cargos.

— Peter? Aquele anormal?

— Agora, é o Adjunto Anormal.

Jim soltou um suspiro sonoro que disparou gotículas de sangue pelo ar. — Por amor de Deus, conheço-o desde que nasceu.

— Quando usar um distintivo, e te disser para te acalmes, acalmaste, e não interessa se o conhecesse *in vitro*.

Jim lançou um olhar interessado e confuso. — Não sei de que raio é que está a falar.

— Já percebi. — Olhou para Peach de relance, quando ela entrou.

— Trouxe o estojo de primeiros socorros e o saco de gelo. — Passou o saco a Jim, e pousou o estojo na secretária, diante de Nate. Depois, enrolou as mãos em punho sobre as ancas. — Jim Mackie, nunca mais deixas de ser burro, pois não?

— Foi o Bill que começou. — Corado, pressionou o saco de gelo no lábio a sangrar.

— É a tua versão. Onde está o Bill?

— O Peter ficou de trazê-lo, — disse Nate. — Quando acordar.

Peach fungou. — A tua mãe é bem capaz de te pôr o outro olho negro, quando vier pagar a fiança. — Com aquela previsão, saiu, batendo com a porta.

— *Chiça!* Não me vai pôr na cadeia por esmurrar o meu próprio irmão.

— É possível. Talvez te dê uma folga, sendo hoje o meu primeiro dia de serviço. — Nate recostou-se. — Qual era o motivo da briga?

— Ok, ouça só isto. — Assumindo uma postura de defesa, Jim bateu com as mãos nos joelhos. — Aquela besta desmiolada disse que *Cavalgada Heróica* era o melhor *western* de sempre, quando toda a gente sabe que é *O Rio Vermelho*.

Nate não disse nada por momentos. — Só isso?

— Quer dizer, *por amor de Deus!*

— Só quero esclarecer. Tu e o teu irmão andaram à pancada porque discordavam quanto ao mérito relativo de *Cavalgada Heróica* contra *O Rio Vermelho*, no currículo de John Wayne?

— No quê dele?

— Andaram à pancada por causa dos filmes de John Wayne.

Jim mudou de posição na cadeira. — Pois. Resolvemos tudo com Charlene. Já posso ir?

— Vão resolver tudo com a Charlene e vão pagar a multa de cem dólares cada um, por distúrbios em local público.

— Olha, agora. Não pode...

— Posso. — Nate debruçou-se e Jim viu bem os seus olhos cinzentos, frios e calmos que o levaram a estremecer na cadeira. — Jim, ouve o que te digo. Não quero que tu ou o Bill andem à zaragata n' A Estalagem. Nem em mais lado nenhum, mas por enquanto, vamos centrar as atenções n' A Estalagem. Há um rapazinho que passa a maior parte do dia lá.

— Raios partam, a Rose leva sempre o Jesse para a cozinha quando há confusão. Eu e o Bill, nunca faríamos nada que magoasse o putto. Só somos, sabe, uns espalha-brasas.

— Vão ter de arrefecer essas brasas quando vierem à vila.

— Cem dólares?

— Podem pagar à Peach nas próximas vinte e quatro horas. Se não o fizerem, dobro a quantia por cada dia que se atrasarem no pagamento. Se não quiserem pagar a multa, podem passar os três próximos dias aqui nestas belas instalações.

— Nós pagamos. — Resmungou ele, mudando de posição, a suspirar. — Mas, por amor de Deus. *A Cavalgada Heróica*.

— Pessoalmente, gosto mais de *Rio Bravo*.

Jim abriu a boca e voltou a fechá-la. Era óbvio que ponderava as consequências. — É um filme bom à brava, — disse passados instantes, — mas não é nenhum *Rio Vermelho*.

Se as saídas motivadas por distúrbios fossem a norma, Nate achava que era bem capaz de ter tomado a decisão certa ao ir para Lunacy. As lutas de irmãos eram talvez o que mais o ocupava por esses dias.

Não fora à procura de desafios.

Os irmãos Mackie não representaram nenhum. A sua conversa com Bill correra mais ou menos como a conversa com Jim, apesar de Bill ter discutido de forma mais exacerbada, e com um engenho especial, defendendo a *Cavalgada Heróica*. Não parecera tão perturbado por ter sido esmurrado na face como ao ouvir denegrirem o seu filme favorito.

Peter espreitou à porta. — Comandante? Charlene quer que vá até lá, almoçar por conta da casa.

— Agradeço, mas tenho de me preparar para a reunião. — E não havia ignorado o brilho no olhar de Charlene, ao vê-lo carregar Jim Mackie. — Gostava que desse seguimento ao ocorrido, Peter. Vá até lá, elabore uma lista dos estragos e um orçamento do arranjo para Charlene. Certifique-se de que os Mackie vêm pagar a multa dentro de quarenta e oito horas.

— Fique descansado. Tratou de tudo à maneira, Comandante.

— Não havia muito a tratar. Vou escrever um relatório. Quero que o reveja, que acrescente alguma coisa que ache necessário.

Olhou em redor ao ouvir o ruído de uma janela a estremecer. — Teramoto? Vulcão? Guerra nuclear?

— Castor, — informou Peter.

— Mesmo estando no Alasca, não podem existir castores com tamanho suficiente para fazerem um barulho destes.

Com uma gargalhada de satisfação, Peter gesticulou para a janela. — O avião de Meg Galloway. É um Castor. Traz mantimentos.

Girando sobre si mesmo, Nate conseguiu ver o avião vermelho, que mais parecia do tamanho de um brinquedo. Lembrando-se de que voara num com mais ou menos as mesmas dimensões, sentiu aquela subtil contracção no estômago e voltou-se para a frente.

Grato pela distração, premiu o botão do intercomunicador assim que o ouviu tocar. — Sim, Peach.

— Uns miúdos a atirar bolas de gelo às janelas da escola. Partiram uma antes de fugirem.

— Temos identificação?

— Temos, pois. Dos três.

Pensou por momentos, analisando as prioridades. — Veja se o Otto pode lá ir.

Voltou o olhar para Pete. — Alguma pergunta?

— Não. Não, senhor. — Depois sorriu. — É bom trabalhar, só isso.

— Sim. Trabalhar é bom.

Manteve-se ocupado a trabalhar, até ser altura de sair para a reunião. Essencialmente, eram tarefas administrativas e organizacionais, mas ajudaram Nate a sentir que criava o seu lugar.

Pelo tempo que durasse, o espaço era seu.

Assinara contrato por um ano, mas tanto ele quanto a assembleia municipal tinham um período de adaptação de sessenta dias, podendo qualquer um dos lados rescindir.

Dava-lhe segurança saber que podia ir embora no dia seguinte, se

assim quisesse. Ou na semana seguinte. Se *estivesse* ali ao fim de dois meses, saberia se ia ficar até ao fim do contrato.

Optou por ir a pé até à Câmara Municipal. Dava um ar preguiçoso, conduzir uma distância tão curta.

O céu estava limpo, de um azul profundo em contraste com a massa branca de montanhas, como se tivesse sido recortado com uma faca fina e afiada. As temperaturas atingiam valores inumanos, mas viu algumas crianças saírem a correr da Loja da Esquina, com tabletes de chocolate nas mãos, como fazem todas as crianças, a correr porta fora com doces na mão. Plenas de gula e antecipação.

Assim que correram pelo passeio abaixo, um par de mãos surgiu a mudar o letreiro de *Aberto* para *Fechado*.

Agora viam-se mais carros e carrinhas estacionados na rua, e outros que chegavam pela estrada coberta de neve.

Tudo levava a crer que ia haver casa cheia na reunião municipal.

Sentiu um ligeiro aperto no estômago, que reconhecia daquela disciplina sobre oratória em público na faculdade. Um erro hediondo como opcional. Vivendo e aprendendo.

Gostava bastante de conversar. Se lhe dessem um suspeito para interrogar, uma testemunha para entrevistar, não havia problema — ou assim era, em tempos idos. Mas, e se lhe pedissem que chegasse diante de uma audiência qualquer, para debitar um discurso com frases coerentes? Pelas suas costas abaixo já escorria uma gota de suor do fracasso.

Só tens de o fazer, ordenava-se. Passa a próxima hora e nunca mais terás de o fazer. Provavelmente.

Entrou, para o calor e o rumor das vozes. Uma quantidade de gente estava no hall de entrada, dominado pelo maior peixe que Nate alguma vez vira. Ficou tão abismado que fixou nele a sua atenção, perguntando-se se não seria, talvez, uma espécie de baleia pequena e mutante — e como é que alguém tinha conseguido apanhá-lo e, mais ainda, o havia colocado na parede.

A distração permitiu-lhe não se preocupar demasiado com a quantidade de pessoas a olhar na sua direcção, e nas que já se encontravam dentro da sala de reuniões, sentadas em cadeiras desdobráveis, de frente para um palco e um púlpito.

— Salmão-rei, — disse Hopp atrás dele.

Ele continuava a olhar para o enorme peixe prateado que ostentava as guelras pretas numa espécie de esgar. — *Isto é um salmão?* Eu já comi salmão. Já experimentei nos restaurantes. São deste tamanho. — Estendeu os braços para medir.

— Não comeu salmão-rei do Alasca, de certeza. Mas verdade seja

dita, este aqui é um grandessíssimo filho da mãe. Chegou aqui com quarenta e dois quilos e cinquenta e sete gramas. Não bateu o recorde do Estado, mas é um troféu e tanto.

— O que é que ele usou? Um empilhador?

Ela soltou a gargalhada que imitava a sirene de um farol, dando-lhe uma palmada alegre no ombro. — Você pesca?

— Não.

— Nada?

— Não tenho nada contra, mas nunca pesquei. — Nessa altura virou-se, erguendo as sobrancelhas num ápice. Ela aprumara-se num fato executivo de aspecto fantástico, aos quadradinhos pretos e brancos. Trazia pérolas nas orelhas e uma camada lustrosa de batom vermelho nos lábios.

— Você está... impressionante, Presidente.

— Impressionante é um pau-brasil com duzentos anos.

— Bom, ia dizer que está atraente, mas achei que não era apropriado.

Ela abriu o sorriso. — Você é um rapaz inteligente, Ignatious.

— Nem por isso. Nada de especial.

— Se eu posso ser atraente, você pode ser esperto. Está tudo na apresentação. Agora, porque é que não damos início ao espectáculo, eu posso apresentá-lo aos membros da assembleia-geral. Depois, fazemos os nossos pequenos discursos. — Ela pegou-lhe no braço da forma que uma mulher faria ao conduzir um homem pela multidão, numa festa de *cocktail*. — Ouvi dizer que tratou bem dos irmãos Mackie.

— Tiveram um pequeno desentendimento por causa dos *westerns*.

— Eu também gosto muito dos filmes do Clint Eastwood. Os mais antigos. Ed Woolcott, vem cá conhecer o novo Comandante da polícia.

Foi apresentado a Woolcott, um homem de aspecto rude na casa dos cinquenta, que apertou de forma cordial a mão de Nate. O seu cabelo era cinzento e farto, penteado para trás, revelando o rosto enrugado. Uma pequena cicatriz branca atravessava a sua sobrancelha esquerda.

— Sou o gerente do banco, — disse a Nate, o que explicava o fato azul-marinho e a gravata presa com um alfinete. — Espero que abra uma conta connosco muito em breve.

— Tenho de tratar disso.

— Não estamos aqui para fazer negócio, Ed. Deixa-me acabar de apresentar Ignatious.

Conheceu Deb e Harry Miner, que geriam a Loja da Esquina, Alan B. Royce, o juiz reformado, Walter Notti, pai de Peter, corredor e criador de cães de trenó — todos estavam na assembleia-geral da cidade.

— Ken Darby, o nosso médico, vai conhecê-lo assim que puder.

— Não faz mal. Vai levar um tempo, se continuarmos a fazer tudo de seguida.

Depois apareceu Bess Mackie — uma estaca de cabelo cor de hena forte, que se plantou diante dele, de braços cruzados sobre o peito magro, a fungar.

— Prendeu hoje os meus rapazes?

— Sim, senhora, pode-se dizer que sim.

Ela fungou novamente com força pelas narinas magras, e acenou por duas vezes. — Ótimo. Da próxima vez, bata-lhes com a cabeça uma na outra, para me poupar a mais trabalhos.

Tendo em conta as circunstâncias, tratava-se de umas boas-vindas calorosas, concluiu Nate ao vê-la procurar uma cadeira.

Hopp guiou-o para o palco, onde haviam sido dispostas cadeiras para ela e Nate, e para Woolcott, que era o adjunto da Presidente.

— Deb vai dar início aos trabalhos com assuntos, avisos e outras questões relacionadas com a cidade, — explicou Hopp. — Depois Ed fala e apresenta-me. Eu falo e apresento-o. Depois, fala você, e damos por encerrada a reunião. É capaz de haver algumas perguntas, aqui ou ali.

Nate sentiu o estômago às voltas. — Ok.

Ela indicou-lhe uma cadeira, sentou-se noutra e acenou para Deb Miner.

Deb, uma mulher robusta de rosto bonito e emoldurado pelo cabelo louro crispado, subiu para o palco e tomou o lugar no púlpito.

O microfone apitava, rouco, enquanto ela o ajustava, e o seu pigarrear foi audível por toda a sala. — Boa-tarde, amigos. Antes de irmos directos ao principal motivo da nossa reunião, tenho alguns avisos a fazer. A festa de passagem de ano n' A Estalagem vai ter início cerca das nove horas. A música ao vivo vai ser providenciada pelos *The Caribous*. Vamos passar o chapéu para contribuições, por isso, não se acanhem. A escola vai organizar uma noite de esparguete de sexta a oito, em que os lucros revertem para a compra de um equipamento para a equipa de hóquei. Temos boas hipóteses de chegar a campeões regionais, por isso temos de lhes dar um equipamento de que nos possamos orgulhar. Começam a servir às cinco. O jantar inclui o prato, salada, um pão e refrigerante. Os adultos pagam seis dólares, as crianças dos seis aos doze, quatro dólares. Com menos de seis anos é grátis.

Dali, começou a explicar os pormenores de uma futura noite de cinema que se ia realizar na Câmara Municipal. Nate ouvia, algo desatento, tentando não ficar obcecado com o momento em que agarraria ele no microfone.

Foi nessa altura que a viu entrar.

A parca vermelha, e algo na forma como se movia dizia-lhe que olhava para a mesma mulher que vira da janela, na noite anterior. Trazia o capuz para trás e um gorro preto que lhe cobria o cabelo.

Um cabelo negro, liso e farto.

O seu rosto parecia bastante pálido no meio de tantas cores fortes, as maçãs do rosto muito altas na moldura negra. Mesmo na outra ponta da sala, conseguia ver que os seus olhos eram azuis. Um azul brilhante e glacial.

Ao ombro, transportava uma mochila de lona e envergava umas calças largas e masculinas, que acabavam numas botas pretas bem vinçadas.

Aqueles olhos azuis gelados apontaram de imediato para ele, fixos, enquanto caminhava pela coxia central formada pelas cadeiras desmontáveis, dirigindo-se a uma delas, ao lado de um homem de constituição forte, que parecia ser nativo.

Não falaram, mas algo dizia a Nate que havia — se não intimidade física — pelo menos um entendimento. Ela despiu a parca, enquanto Deb passava da noite de cinema para os avisos sobre o próximo jogo de hóquei.

Por baixo da parca, trazia uma camisola verde-azeitona. Por baixo da camisola, se a perspicácia era um dos fortes de Nate, um corpo pequenino, resistente e atlético.

Ela procurava decidir se a achava bonita. Não devia ser — tinha as sobrancelhas demasiado rectas, o nariz algo curvo, a boca grande.

Mas enquanto elaborava uma lista mental dos defeitos, algo se agitava no seu estômago. *Interessante*, foi a única coisa que lhe aflorou à mente. Estivera longe de mulheres nos últimos meses, o que, dado o seu estado de espírito, não fora uma provação por aí além. Mas aquela mulher de aspecto frio voltara a aguçar-lhe os sentidos.

Ela abriu a mochila e tirou um saco castanho. E para divertimento de Nate, mergulhou a mão lá dentro, que emergiu com um molho de pipocas. Começou a mastigá-las, oferecendo algumas ao companheiro do lado, enquanto Deb terminava os avisos.

Ed subiu ao púlpito, tecendo os seus comentários sobre a assembleia municipal e os progressos que haviam alcançado, ao mesmo tempo que a recém-chegada tirava um termo da mochila e servia o que parecia café puro para uma caneca.

Quem raio seria ela? Filha de um nativo? As idades sugeriam isso mesmo, mas não conseguia vislumbrar qualquer semelhança de parentes-co.

Ela não corou nem pestanejou, ao ver que ele a fitava, mas continuou a mordiscar o petisco, a beber o café e a devolver o olhar.

Ao apresentarem Hopp, ouviram-se aplausos. Com esforço, Nate obrigou-se a centrar as atenções de novo no que estava a acontecer.

— Não vou perder tempo com politiquices. Decidimos pela integração da nossa vila, porque queremos cuidar dos nossos na tradição deste grandioso Estado. Votámos a favor da construção de uma esquadra de polícia, da criação de uma força policial. Fizemos debates intensos, muitas palavras acaloradas foram trocadas de ambos os lados e também houve muito bom senso de todas as partes envolvidas. No essencial, votámos para trazer um homem do Exterior, um homem com experiência e sem ligações a Lunacy. Para que fosse justo, inteligente, para que aplicasse a lei sem preconceitos e com igualdade. Provou isso mesmo, ao algemar Jim Mackie por causar tumultos com o irmão n' A Estalagem.

Ouviram-se alguns risos como reacção ao comentário, e os irmãos Mackie, de rostos maltratados, sorriram dos seus lugares.

— Também nos multou, — gritou Jim.

— O que perfaz duzentos dólares para os cofres do Estado. Se continuarem assim, vão pagar sozinhos o novo carro de bombeiros de que precisamos. Ignatious Burke veio de Baltimore, Maryland, onde serviu onze anos na Divisão de Polícia de Baltimore, oito dos quais como detective. Temos a sorte de ter alguém com as habilitações do Comandante Burke a cuidar de todos nós, *Lunáticos*. Por isso, peço uma salva de palmas e dêem as boas-vindas ao nosso novo Comandante da polícia.

Ao mesmo tempo, Nate pensava: *Oh, merda*, levantando-se. Avançou para o púlpito, a mente em branco como um quadro por escrever. E da multidão, alguém gritou — *Cheechako*.

Ouviram-se murmúrios, sussurros e um tumulto de vozes acesas pela discussão. A irritação que o trespassava colocou os nervos em segundo plano.

— É isso mesmo. Sou *Cheechako*. Um Forasteiro. Acabado de chegar dos *Lower 48*.

Os murmúrios silenciaram-se e ele perscrutou a multidão.

— Quase tudo o que sei sobre o Alasca li num guia ou tirei da internet ou dos filmes. Não sei muito mais sobre esta vila, excepto que está um frio danado, que os irmãos Mackie gostam de andar à pancada e que têm uma paisagem capaz de parar o coração de um homem no peito. Mas sei ser bom polícia, e é por isso que aqui estou.

Dantes sabia, pensava ele. Dantes sabia como. E as palmas das mãos começaram a humedecer.

La atrapalhar-se — tomava agora consciência — e depois o seu olhar encontrou aqueles olhos azuis glaciares da mulher de vermelho. Os lábios

dela curvaram-se, só um pouco, e os seus olhos fixaram os dele enquanto levava a caneca prateada aos lábios.

Ele ouvia-se falar. Talvez o fizesse apenas para ela. — O meu trabalho é proteger e servir esta vila, e é isso que vou fazer. Talvez se ressintam comigo, que venho do Exterior e vos digo o que não podem fazer, mas todos temos de nos habituar à situação. Vou dar o meu melhor. São vocês que vão decidir se isso é suficiente. Só isso.

Houve uma ameaça de aplauso que depois cresceu. Nate tomou consciência do olhar cativo novamente na mulher de olhos azuis. Sentiu um nó no estômago, que abrandava e apertava novamente ao ver aquela boca de lábio superior grosso curvar num dos lados, num sorriso breve e estranho.

Ouviu Hopp encerrar a sessão. Várias pessoas avançaram para falar com ele, e acabou por a perder na multidão. Quando a voltou a ver, só conseguiu vislumbrar a parca vermelha a dirigir-se para a porta das traseiras.

— Quem era aquela? — Inclinou-se para trás até conseguir tocar o braço de Hopp. — A mulher que chegou atrasada — parca vermelha, cabelo preto, olhos azuis.

— Deve ser Meg. Meg Galloway. Filha de Charlene.

Ela quisera olhar bem para ele, mais ao pormenor do que vira na véspera, quando ele ficara a contemplar pela janela, um herói pensativo e amargo de um qualquer romance gótico.

Possuía os dotes físicos necessários para o papel, concluiu, mas de perto parecia mais triste do que amargo.

Era uma pena. Amargo fazia mais o seu estilo.

Ela reconhecia que ele se havia safado bem. Engolira o insulto — do idiota do Bing — dissera ao que vinha e depois de um certo embaraço, seguira em frente.

Uma vez que tinham de ter uma força policial a meter o nariz em Lunacy, podia ser bem pior. Para ela não importava, desde que não se metessem na sua vida.

Desde que chegara à cidade, decidira ir tratar de alguns assuntos e encher a despensa.

Na Loja da Esquina, viu o letreiro *Fechado*, e soltou um enorme suspiro. Pegou no molho de chaves que trazia na mala. Encontrou uma chave que dizia CS e entrou à vontade.

Agarrando em duas caixas, avançou pelo corredor. Cereais em grão, massa, ovos, enlatados, papel higiénico, farinha, açúcar. Largou uma caixa em cima do balcão e encheu a segunda.

Estava a braços com uma saca de vinte quilos de *Dog Chow* quando a porta se abriu, e Nate entrou.

— Está fechado, — gritou Meg para a rua, enquanto pousava a saca no chão, encostada ao balcão.

— Estou a ver.

— Se já viu que está fechado, o que é que está aqui a fazer?

— Tem graça. Era isso que lhe ia perguntar.

— Preciso de umas coisas. — Deu a volta por trás do balcão, pegou nalgumas caixas de munições e juntou ao lote.

— Foi o que imaginei, mas normalmente quando as pessoas tiram alguma coisa de uma loja fechada, chama-se a isso roubar.

— Já ouvi dizer. — Debaixo do balcão, agarrou num grande livro de registo, e começou a folheá-lo. — Aposto que nos *Lower 48*, prendem as pessoas por causa disso.

— Pois prendem. A toda a hora.

— Pretende implementar essa norma aqui em Lunacy?

— Sim. A toda a hora.

Ela soltou uma gargalhada breve — como nevoeiro para o farol de Hopp —, procurou uma caneta e começou a escrever no livro. — Bom, deixe-me despachar o que vim fazer, e depois já me pode prender. Hoje já são três detenções para si. Só pode ser um recorde.

Ele debruçou-se no balcão, reparando que ela anotava uma lista detalhada de todos os artigos das duas caixas. — Seria uma perda de tempo.

— Sim, mas isso é o que não nos falta por aqui. Bolas, esqueci-me do *Murphy's*. Importa-se? Abrilhantador de madeiras *Murphy's*, está logo ali.

— Claro. — Avançou, analisando o conteúdo das prateleiras e escolhendo um frasco. — Vi-a ontem à noite, pela janela.

Ela anotou o *Murphy's*. — Eu também o vi!

— É piloto do mato.

— Sou muitas coisas. — Ergueu o olhar para ele. — Essa é só uma delas.

— O que mais faz?

— Um verdadeiro polícia da cidade como você devia conseguir descobrir bem depressa.

— Já sei algumas coisas. Costuma cozinhar. Tem um cão. Talvez até dois de raça grande. Preza o seu espaço. É honesta, pelo menos quando isso lhe dá jeito. Gosta do café puro e de muita manteiga nas pipocas.

— Nem uma beliscadela. — Bateu com a caneta no livro. — Quer beliscar um pouco mais, Comandante Burke?

Era directa, pensava ele. Não mencionara isso. Logo, seria directo também. — Estou a pensar.

Ela sorriu da mesma forma que sorrira no salão, com o canto direito da boca a curvar antes do esquerdo. — Charlene já o acolheu?

— Perdão?

— Gostava de saber se a Charlene já lhe deu a provar o prato especial de boas-vindas a Lunacy, a noite passada.

Ele não tinha a certeza o que o irritava mais, se a pergunta ou a postura serena com que ela o observava ao fazê-la. — Não.

— Não faz o seu género?

— Nem por isso, não. E não me sinto muito à vontade a falar dessa forma da sua mãe.

— É um homem sensível? Não se preocupe. Toda a gente sabe que a Charlene gosta de dar umas cambalhotas com todos os homens jeitosos que aqui aparecem. Na verdade, costumo não me aproximar dos restos dela. Mas analisando melhor a situação, por agora, talvez lhe dê alguma hipótese.

Fechou o livro e voltou a guardá-lo no sítio. — Não me quer ajudar a levar isto para a carrinha?

— Claro. Mas pensava que tinha trazido o avião.

— E trouxe. Eu e um amigo trocámos de meio de transporte.

— Ok. — Colocou a saca de comida para cão em cima do ombro.

Ela tinha lá fora uma carrinha *pickup* vermelha robusta, com material de campismo camuflado, botas de neve e algumas latas de gasolina já colocadas na parte de trás. Na cabine, viu um suporte para uma arma, ocupado por uma caçadeira e uma espingarda.

— Costuma caçar? — Perguntou ele.

— Depende da caça. — Fechou a caixa da carrinha com um estrondo e sorriu para ele. — Que raio é que está aqui a fazer, Comandante Burke?

— Nate. E quando descobrir, digo-lhe.

— É justo. Talvez nos encontremos na Passagem de Ano. Veremos se socializamos.

Ela subiu para a carrinha e deu à chave. Os *Aerosmith* gritavam acerca da canção e dança de sempre, enquanto ela avançava pela rua. Dirigia-se para oeste, onde o Sol já caía atrás dos picos, dando-lhes uma tonalidade dourada flamejante, ao passo que a luz se tornava mais suave com o crepúsculo.

Eram três e quinze da tarde.

4.

Entrada de diário — 14 de Fevereiro de 1988

Está um frio do caraças. Não falamos sobre isso, senão damos em doidos, mas posso escrever sobre isso aqui. Um dia, poderei olhar para trás — tal-

vez em Julho, quando estiver sentado lá fora com uma cerveja na mão, coberto de repelente, a esbofetear os mosquitos do tamanho de pardais — a perder o olhar nesta grande besta branca.

Saberei que estive aqui, que consegui. E a cerveja vai saber ainda melhor.

Mas agora é Fevereiro, e Julho ainda está a séculos de distância. A besta é que manda.

O vento obriga-nos a suportar trinta ou quarenta graus abaixo de zero. Quando se chega a este ponto, um grau ou outro a mais ou a menos deixa de ter importância. O frio rachou uma das lamparinas e partiu o fecho da minha parca.

Com noites de dezasseis horas, montamos e levantamos acampamento sempre às escuras. Ir urinar tornou-se um exercício de exaustão e sofrimento. Ainda assim, os ânimos mantêm-se quase sempre elevados.

Este tipo de experiência não se compra em lado nenhum. Quando o frio toma a forma de vidro partido que nos dilacera a garganta, sabemos que estamos vivos de uma forma que só podemos saber numa montanha. Quando arriscamos um momento fora do abrigo e vemos as luzes do norte, tão brilhantes, tão eléctricas que pensamos conseguir chegar e agarrar algum daquele verde cintilante e colocá-lo dentro de nós para recarregar baterias, sabemos que não queremos estar vivos em mais lugar nenhum.

O nosso progresso é lento, mas não vamos desistir do objectivo de atingir o cume. A derrocada de uma avalanche atrasou-nos. Pergunto-me quantos mais terão acampado aqui, por baixo do que agora está enterrado e oculto, e com que rapidez a montanha irá mudar, agitar-se e soterrar a caverna de neve que tanto lutámos por arrancar das suas entranhas.

Tivemos uma breve, mas acesa discussão, sobre como rodear a derrocada. Eu assumi a dianteira. Passámos o que pareceu uma vida inteira a atravessar e a contorná-la, mas não havia como facilitar ou acelerar o percurso, por mais que alguém pensasse o contrário. É uma zona perigosa, conhecida como Passagem das Areias Movediças, porque o glacial se move debaixo de nós. Não o conseguimos ver, mas ele desliza e abre caminho por baixo de nós. E é bem capaz de nos sugar, uma vez que por baixo daquele mundo branco estão inúmeras fendas só à espera de serem o nosso caixão.

Seguimos caminho pelo Cume Solitário, armados de picaretas de gelo, as pestanas congeladas e, depois de a custo abrimos caminho contornando a Chaminé de Satanás, almoçámos numa manta de piquenique de neve virgem.

O Sol era uma bola de gelo dourado.

Arrisquei tirar umas fotografias, mas com receio de que o frio partissem a máquina fotográfica.

Com pouca graciosidade mas muita dedicação, iniciámos a subida depois do almoço. Talvez fosse a velocidade com que saltáramos para a sobremesa, mas golpeámos e amaldiçoámos a montanha e uns aos outros. Cravámos os passos na neve durante o que pareciam horas, enquanto a bola dourada começava a descer e a assumir um laranja vil e violento, que pegava fogo à neve. Em seguida deixou-nos na escuridão mortal.

Usámos as lanternas dos capacetes para termos luz suficiente e enterarmos a estaca da tenda no gelo. Estamos aqui acampados, a ouvir o vento soprar como uma tempestade que trespassa a noite, amenizando a nossa exaustão com erva de primeira e o sucesso do dia decorrido.

Começámos a chamar-nos através de nomes de código da *Guerra das Estrelas*. Agora somos Han, Luke e Darth. Divertimo-nos a fingir que estamos no planeta gelado Hoth, numa missão para destruir um reduto do Império. Claro que isso significa que Darth está contra nós, o que torna tudo ainda mais divertido.

Hei, tudo para nos manter animados.

Hoje fizemos bons progressos, mas estamos a ficar impacientes. Soube bem, enterrar a minha picareta de gelo nas entranhas da Sem Nome, abrindo caminho por ela acima. Desatámos aos gritos e aos insultos — a princípio para dar motivação, mas depois devido aos nervos, ao ver pedaços de gelo soltarem-se por ali abaixo. Darth apanhou com alguns na cara e insultou-me durante a hora que se seguiu.

Hoje, por um minuto que fosse, achei que ele ia perder as estribeiras e pôr-me a sangrar, tal como eu lhe fizera. Mesmo agora ainda sinto que ele está a remoer nisso, lançando um olhar agastado ocasional para a minha nuca, enquanto o ressonar de Han começa a competir com o vento.

Vai passar-lhe. Somos uma equipa, e cada um de nós tem a vida do outro nas mãos. Por isso, vai passar-lhe assim que começarmos a subir outra vez.

Talvez fosse boa ideia irmos um pouco mais devagar, mas umas passadas dão-nos uma sensação fantástica, que ajuda a esquecer o frio e a fadiga.

Não há nada no mundo que se assemelhe a isto. O brilho da neve que nos cega, o som das picaretas a penetrar o gelo, ou a chiar pela neve, o arrastar dos grampos na rocha, a queda livre da corda e observar o fogo gelado ao pôr-do-sol.

Mesmo agora, encolhido na tenda enquanto escrevo isto, com o estômago a processar o jantar de guisado seco pelo gelo, o corpo dorido da estafa, e o medo de que o gelo e a morte corroa como uma ratazana na parte mais recôndita do meu cérebro, não queria estar em mais lugar nenhum.

Às sete, Nate decidiu que o dia fora bem preenchido. Levou com ele o rá-

dio-telefone. Se alguém ligasse para a esquadra fora de horas, a chamada seria transferida para o seu telefone.

Preferia comer no quarto, sozinho, sossegado, para que o seu cérebro pudesse desligar-se de todos os pormenores que havia assimilado ao longo do dia. E porque preferia estar sozinho.

Mas não adiantava nada isolar-se naquela cidade, por isso deslizou para um banco corrido d' A Estalagem.

Conseguia ouvir o bater das bolas de bilhar e o lamento *country* na *jukebox* da sala ao lado. Vários homens acomodados em bancos no bar, a engolir cervejas enquanto assistiam a um jogo de hóquei na televisão. A área do restaurante estava mais de metade cheia, onde uma empregada que ainda não conhecia servia e limpava.

O homem que Hopp apresentara como O Professor avançava na direcção do banco de Nate, contornando as mesas.

Vestia um casaco de *tweed* com o *Ulisses* enfiado no bolso, e uma caneca de cerveja na mão. — Importa-se que lhe faça companhia?

— Faça favor.

— John Malmont. Se quer beber alguma coisa, é atendido mais depressa se for ao bar. Se quiser comer, a Cissy não tarda vem cá ter consigo.

— Quero comer, sim, mas não tenho pressa. Hoje a casa está animada. É habitual?

— Só há dois sítios onde se pode comer um prato quente sem ter de o cozinhar. E só há um onde se bebe a sério.

— Bom, ficou esclarecido.

— Os lunáticos são uma gente bastante social — pelo menos, uns com os outros. E no período de festas, as mesas ficam cheias. Hoje o robalo está bom.

— Verdade? — Nate pegou na ementa. — Vive aqui há muito tempo?

— Faz agora dezasseis anos. Sou natural de Pittsburgh, — disse ele, antecipando a pergunta. — Dei aulas em Carnegie Mellon.

— Era professor de quê?

— Literatura inglesa, a mentes brilhantes jovens. Muitas delas apreciavam a postura snobe de dissecar e criticar os homens brancos há muito falecidos que decidiram estudar.

— E agora?

— Agora ensino literatura e composição a adolescentes aborrecidos, em que a maioria preferia andar aos apalhões, em vez de explorar as maravilhas da palavra escrita.

— Hei, Professor.

— Cissy. Comandante Burke, apresento-lhe Cecilia Fisher.

— Prazer em conhecê-la, Cissy. — Era magra como um pau de vas-soura, tinha cabelo curto e espetado em vários tons de vermelho, e uma argola de prata a perfurar a sobrancelha esquerda.

Ela ofereceu-lhe um sorriso solarengo. — Igualmente. O que é que vai ser?

— Vou experimentar o robalo. Ouvi dizer que é bom.

— Pode crer que é. — Começou a escrever no bloco. — Como quer que o prepare?

— Grelhado?

— Ótimo. Acompanha com uma salada da casa, molho à escolha. O molho da casa é muito especial. É o próprio Mike Grande que o faz.

— Pode ser, obrigado.

— Já escolheu entre as batatas cozidas, o puré, batatas fritas, arroz selvagem?

— Quero o arroz.

— E para beber?

— Pode ser café, obrigado.

— Volto já.

— Que rapariga simpática, — comentou John, dando uma limpeza rápida nos óculos, com um lenço branco como a neve. — Chegou à cidade há uns anos atrás, veio passar uns tempos com um grupo de amigos para fazer montanhismo. O rapaz com quem ela estava costumava bater-lhe, e pô-la na rua só com uma mochila às costas. Não tinha dinheiro para voltar para casa — disse que, de qualquer forma, também não ia voltar. Charlene deu-lhe um quarto e trabalho.

Provou a cerveja. — Passada uma semana, o rapaz veio cá buscá-la. Charlene pô-lo na rua.

— Charlene?

— Tem sempre uma caçadeira lá dentro na cozinha. O rapaz decidiu deixar a vila sem Cissy, depois de ver bem o fundo dos canos daquela arma. — John virou a cabeça e a diversão no seu olhar transformou-se em anseio — apenas por um instante.

Nate viu a causa desse anseio deslizar pela sala com uma cafeteira na mão.

— Vejam só. Os dois homens mais lindos de Lunacy à mesma mesa. — Charlene serviu o café de Nate, e depois sentou-se de forma graciosa no banco corrido a seu lado. — E vocês dois estão a conversar sobre o quê?

— Sobre uma linda mulher, naturalmente. — John pegou na cerveja. — Desejo-lhe um bom jantar, Comandante.

— Então... — Charlene inclinou o corpo e o seu seio tocou o braço de Nate. — E posso saber que mulher é essa?

— John estava a contar-me as circunstâncias em que Cissy veio trabalhar consigo.

— Oh? — Deslizou a língua pelo lábio superior acabado de pintar. — Tem a minha empregada debaixo de olho, Nate?

— Só na esperança de que ela não demore a trazer o jantar. — Não conseguia desviar o olhar sem parecer, e sentir-se, um idiota. Não se conseguia mexer sem tocar nalguma parte do corpo dela. — Os irmãos Mackie já pagaram os estragos?

— Estiveram cá há cerca de uma hora, a resolver o assunto. Queria agradecer-lhe por ter tomado conta de mim, Nate. Sinto-me mais segura, saber que está apenas a um telefonema de distância.

— A caçadeira que tem guardada na cozinha também lhe deve dar alguma sensação de segurança.

— Bom. — Desceu o queixo, sorrindo. — É só para inglês ver. — Chegou-se mais, até o perfume *estou-à-tua-espera* emanar intenso do seu decote. — É difícil ser uma mulher sozinha num lugar destes. As noites de Inverno são longas. Muito frias. E solitárias. Gosto de saber que um homem como você dorme debaixo do mesmo tecto que eu. Talvez mais tarde possamos fazer companhia um ao outro.

— Charlene. Isso... Mas que proposta. — A mão dela deslizou pela coxa dele. Ele agarrou-lhe na mão, colocando-a à força sobre a mesa, apesar de estar excitado e quente. — Espere aí um minuto.

— Gostava que durasse mais de um minuto.

— Ha, ha. — Se ela continuasse a esfregar o corpo no dele, lembrando-o de há quanto tempo era celibatário, era bem capaz de não precisar de sessenta segundos. — Charlene, gosto de si, e é uma bela mulher, mas não acho que seja boa ideia nós dois... fazermos companhia um ao outro. Ainda agora me estou a ambientar.

— Eu também. — Enrolou uma madeixa do cabelo dele à volta do dedo. — Se hoje à noite se sentir inquieto, basta ligar. Posso mostrar-lhe a razão de este estabelecimento ter serviço completo.

Manteve os olhos fixos nele ao deslizar para fora do banco corrido — e conseguiu deslizar novamente a mão pela sua coxa, de forma sugestiva. Nate esperou até ela atravessar a sala naquele rebolar de cintura, antes de soltar um assobio de alívio.

Não dormiu bem. A dupla mãe e filha haviam-no atacado de frente. E a escuridão era interminável e total. Uma escuridão primitiva que urgia um homem a refugiar-se numa caverna quente — com uma mulher quente.

Manteve a luz acesa até tarde — leu os regulamentos camarários, pensou um pouco, e acabou por adormecer até o despertador tocar.

Começou o dia tal como o anterior, a tomar o pequeno-almoço com o pequeno Jesse.

Era a rotina que queria. Mais do que uma rotina, ansiava por uma actividade em que não tivesse de pensar, que se entranhasse de tal forma até que deixasse de ver o que estava por trás dela. Ali podia analisar cada movimento, resolver pequenas disputas, passar o dia com os mesmos rostos, as mesmas vozes, as mesmas tarefas repetidas como num ciclo.

Podia ser o rato a correr na roda. E talvez o frio absurdo não o deixasse decompor-se. Assim, ninguém saberia que já estava morto.

Gostava de ficar sentado no seu gabinete, horas a fio, a distribuir entre Otto, Peter e ele próprio as várias chamadas que chegavam à esquadra. Quando saía para atender alguma, levava um dos adjuntos, para começar a ser visto e a definir um novo ritmo.

Estava a começar a conhecer a sua equipa. Peter tinha vinte e três anos, vivera a vida toda na zona, e parecia conhecer toda a gente. Também parecia que toda a gente que o conhecia gostava dele.

Otto — sargento de patrulha, USMC³, reformado — viera para o Alasca caçar e pescar. Dezoito anos antes, depois do primeiro divórcio, decidiu que seria a sua casa permanente. Tinha três filhos crescidos nos *Lower 48*, e quatro netos.

Casara de novo — com uma loura que ostentava um busto maior do que o seu QI, segundo Peach — e divorciara-se outra vez passados dois anos.

Tanto ele quanto Bing se consideravam qualificados para o posto que Nate ocupava agora. Mas enquanto Bing se melindrara com a decisão de a assembleia municipal mandar vir um forasteiro, Otto — talvez mais acostumado a acatar ordens — aceitara o cargo de adjunto.

Quanto a Peach, a fonte de quase todas as suas informações, vivia há mais de trinta anos no Alasca, desde que fugira com um rapaz de Macon, e foi com ele que trocou a localidade por Sitka. Ele morrera, pobre coitado, perdera-se no mar numa traineira de pesca menos de seis meses depois da fuga.

Ela voltara a casar e vivera com o segundo marido — um homem lindo e bem constituído como um urso *grizzly*, que a levava para o mato, onde viviam da terra, com visitas ocasionais à vila limítrofe de Lunacy.

Quando ele também morreu — tentou passar a cheia do lago e morreu congelado, antes de conseguir voltar para a cabana —, ela fez as malas e mudou-se para Lunacy.

Casara novamente, o que se veio a revelar um erro, e ela acabou por

³ *United States Marine Corps*, Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos. (N. da T.)

dar um pontapé naquele rabo traidor de volta para Dakota do Norte, de onde viera.

Ainda pensou em arranjar o quarto marido, caso aparecesse o candidato certo.

Peach dava-lhe os pormenores sobre toda a gente. Ed Woolcott não desdenhava o cargo de Presidente da Câmara, mas tinha de manter a cabeça fria até Hopp decidir que se fartara. A sua esposa, Arlene, era pretenciosa, mas como tinha origens endinheiradas, não era de admirar.

Como Peter, Bing vivera ali a vida toda, filho de pai russo e mãe norueguesa. A sua mãe havia fugido com um pianista em 74, quando ele tinha à volta de treze anos. O pai — homem que deitava abaixo de uma assentada uma caneca de vodka — voltara para a Rússia cerca de doze anos depois e levava com ele a irmã mais nova de Bing, Nadia.

Dizem os rumores que estava grávida, e boatos que o pai seria casado.

O marido de Rose, David, trabalhava como guia, e dos bons, além de fazer biscates quando tinha tempo.

Harry e Deb tinham dois filhos — o rapaz estava a dar-lhes algum trabalho — e Deb controlava a capoeira.

Havia mais. Peach sabia sempre mais. Nate pensava que numa semana, talvez duas, soubesse tudo o que tinha a saber sobre Lunacy e os seus habitantes. Só assim o trabalho seria outra rotina que se entranhava num hábito confortável.

Mas sempre que ficava junto à janela, a observar o Sol a elevar-se sobre as montanhas, banhando-as de dourado, sentia aquela centelha vibrar dentro de si. Um pequeno laivo de calor que lhe dizia que ainda existia vida dentro de si.

Com receio de que se espalhasse, virava-se para a parede branca.

No terceiro dia, Nate teve de acorrer a um acidente de viação que envolveu uma *pickup*, um *SUV* e um alce. O alce foi o que se saiu melhor, tendo ficado a meio metro do separador de metal, como se estivesse a apreciar o espectáculo.

Sendo a primeira vez que Nate via um alce verdadeiro — maior e mais feio do que imaginara —, revelou-se mais interessado nele do que nos dois homens que discutiam um com o outro, na tentativa de atribuir as culpas.

Eram oito e vinte da manhã e estava escuro como breu na estrada a que os locais chamavam Estrada do Lago.

Tinha o vice-presidente da Câmara e um guia de montanha chamado Hawley de narizes encostados, um *Ford Explorer* caído numa vala e as quatro rodas enterradas na neve, a capota encolhida como um acordeão e uma *Chevy pickup* deitada de lado, como se tivesse decidido dormir uma soneca.

Os dois homens tinham a cara ensanguentada e os olhos feridos.

— Acalmem-se. — Deliberadamente, Nate apontou a lanterna para os olhos deles, à vez. Reparou que ambos iam precisar de pontos. — Já disse para se acalmarem! Vamos resolver isto num minuto. Otto? Alguém tem um reboque?

— O Bing tem. É ele que costuma resolver este tipo de situação.

— Bom, telefone-lhe então. Peça para vir até cá e rebocar estes veículos para a cidade. Quero-os fora da estrada o mais rápido possível. Estão a constituir perigo. Agora...

Voltou-se para os homens. — Qual de vocês me vai contar o que aconteceu de forma calma e coerente?

Desataram ambos a gritar ao mesmo tempo, mas como ele conseguia cheirar o hálito a álcool de Hawley, estendeu a mão à frente e apontou para Ed Woolcott. — Comece você.

— Ia de carro para o trabalho, com uma condução razoável e segura...

— Monte de tretas, — comentou Hawley.

— Espere pela sua vez. Sr. Woolcott?

— Vi os faróis virem na minha direcção, tão rápidos que punham em causa a segurança.

Assim que viu Hawley abrir a boca, Nate esticou o indicador na direcção dele.

— E depois o alce apareceu sem mais nem menos. Abrandei e virei o volante para evitar a colisão, e de repente, isto, este *monte* de sucata está a avançar na minha direcção. Tentei desviar-me para o outro lado da estrada, mas ele, ele veio *direito* a mim. E depois, projectou-me para fora da estrada e bateu no meu carro. O carro só tem seis meses! Ele vinha a conduzir de forma irresponsável e esteve a beber.

Com um aceno assertivo, Ed cruzou os braços e fechou a expressão num olhar carrancudo.

— Ok.

— Bing está a caminho, — anunciou Otto.

— Ótimo. Sr. Woolcott, porque é que não vai ali dar o seu depoimento ao Otto? Hawley? — Nate sacudiu a cabeça, caminhando para a *pickup*. E por momentos ali ficou a trocar olhares mortíferos com o alce. — Andou a beber?

Hawley ficou a um metro de distância dele, a afagar a barba castanha-dourada. O sangue que lhe escorrera pelo canto do maxilar havia secado.

— Pois, claro, bebi uns copos.

— Ainda são agora nove da manhã.

— Merda. Andei a pescar no gelo. Nunca presto atenção à porcaria das horas. Saí-me bem na pescaria e tenho a geleira na parte de trás da carrinha. Ia para casa guardá-la, comer alguma coisa e dormir. Mas aqui o colarinhos vê um alce na estrada e desata aos peões. Fica todo atravessado na estrada, às voltas, e o alce fica ali — são animais idiotas, se quer saber — e eu sou obrigado a travar a fundo. Derrapei um bocado e o Woolcott veio aos peões bater-me em cheio. Batemos e é este o resultado.

Há muito tempo que estivera na divisão de Trânsito, e nunca fizera a reconstituição de nenhum acidente na escuridão, na neve e com temperaturas negativas. Mas ao apontar a lanterna sobre a estrada, estudando as marcas dos pneus, a versão de Hawley parecia a mais correcta.

— Na verdade, estive a beber. Vamos ter de fazer um teste de alcoolemia. Tem seguro?

— Sim, mas...

— Vamos resolver tudo, — repetia Nate. — Temos de sair do frio.

Nate levou o carro de regresso à cidade com Hawley e Ed, sentados num silêncio atónito no banco de trás. Estacionou à frente da clínica, deixou Otto com eles enquanto recebiam tratamento e voltou à esquadra, para ir buscar o teste do balão.

Aproveitou para fazer um telefonema e verificar os registos de condução dos dois automobilistas. Ao mesmo tempo que dava voltas à cabeça a pensar numa solução, levou o teste de alcoolemia para a clínica.

Havia algumas pessoas na sala de espera. Uma jovem com um bebé a dormir, um velho que vestia ceroulas castanhas cor de terra e que mordiscava um cachimbo.

Viu uma mulher sentada numa cadeira atrás de um balcão baixo. Estava a ler um romance de bolso com um casal praticamente nu, num beijo apaixonado na capa. Mas ergueu o olhar assim que ele entrou.

— Comandante Burke?

— Sim.

— Sou a Joanna. O doutor disse que podia entrar se quisesse, quando voltasse. Ele está na sala de observação um a tratar Hawley. A Nita está na sala dois, a coser Ed.

— E Otto?

— Está no escritório. Foi saber de Bing e do reboque.

— Eu trato do Hawley. Onde é?

— Venha comigo. — Marcou o livro com um separador brilhante e depois guiou-o pela porta logo à sua direita. — É logo ali. — Gesticulou e depois bateu ao de leve. — Doutor? Está aqui o Comandante Burke.

— Entre.

Era uma sala de observações normal — mesa, pequeno lavatório,

cadeira de consultório. O médico vestia uma camisa de flanela aberta por cima de uma camisa térmica, e subiu o olhar do que estava a fazer, o corte por cima do olho de Hawley.

Era jovem, com trinta e poucos anos, magro e em forma, com uma barba ruiva que combinava com aquele tufo de cabelo encaracolado. Usava óculos redondos de aros de metal que cobriam os olhos verdes.

— Ken Darby, — disse ele. — Cumprimentava-o, mas tenho as mãos ocupadas.

— Muito prazer. Como está o paciente?

— Alguns cortes e ferimentos. É um tipo cheio de sorte, Hawley.

— É melhor dizer isso quando vir a minha carrinha, raios partam. O parvalhão do Ed parece uma velha de oitenta anos a conduzir, mais pitosga que um morcego.

— Vai ter de soprar para aqui.

Hawley olhou com suspeição para o teste de alcoolemia. — Não estou bêbedo.

— Então não há problema nenhum, certo?

Hawley resmungou, mas acedeu ao mesmo tempo que Ken lhe aplicava um penso no corte.

— Bom, Hawley, está mesmo no limite. Fica a decisão dependente da minha consciência, se vou ou não acusá-lo de conduzir sob o efeito de álcool.

— Ah, um monte de tretas.

— A realidade é que, como está mesmo no limite, e não mostra sinais de estar alcoolizado, vou apenas emitir uma recomendação. Da próxima vez que for pescar no gelo e beber umas *minis*, não pode pegar no carro.

— Já não tenho carro nenhum para pegar.

— Uma vez que não posso passar uma multa ao alce, a sua companhia de seguros vai ter de resolver a questão com a de Ed. Tem algumas multas de excesso de velocidade por pagar, Hawley.

— Armadilhas com radares. As bestas de Anchorage.

— Talvez. Assim que recuperar o carro, trate de não ultrapassar o limite da lei e quando beber, peça a alguém que conduza por si. Vamo-nos dar lindamente. Precisa de boleia para casa?

Hawley coçava o pescoço enquanto Ken tratava de um arranhão que tinha na testa. — É melhor. Tenho de dar uma olhadela à carrinha, falar com Bing.

— Passe pela esquadra assim que se despachar. Levamo-lo a casa.

— Mais justo não podia ser.

Ed não estava muito satisfeito com a decisão. Sentou-se na maca de obser-

vação, as queimaduras do *air bag* visíveis nas faces e o lábio inchado de o morder com o impacto.

— Ele tinha bebido.

— Estava dentro do limite legal. Na verdade, o culpado nesta história é o alce, e não posso passar uma multa à fauna local. Tudo não passou de um azar. Dois veículos encontram um alce numa estrada da estrada. Os dois têm seguro, o que me parece que é uma vantagem sobre o alce, penso eu. Nenhum dos dois sofreu ferimentos com gravidade. Afinal de contas, ambos tiveram muita sorte.

— Não considero sorte, acabar com um carro novinho numa vala e a cara esmagada por um *air bag*, Comandante Burke.

— Talvez seja só uma questão de perspectiva.

Ed deslizou da marquesa e esticou o queixo para cima. — É assim que devemos contar que leve a cabo a aplicação da lei em Lunacy?

— Pode-se dizer que sim.

— Parece-me que lhe estamos a pagar para fazer mais do que aquecer o lugar na cadeira do escritório.

— Tive de aquecer o lugar no carro, para vir resolver o acidente.

— Não gosto da sua atitude. Pode ter a certeza que vou falar sobre este incidente e o seu comportamento com a Presidente.

— Ok. Precisa de boleia para casa ou para o banco?

— Posso muito bem ir sozinho.

— Pode ir, então.

Foi ter com Otto à porta da sala de observações. O único sinal que Otto deu de ter ouvido a conversa foi um erguer de sobrancelhas. Mas assim que saíram juntos, pigarreou.

— Não fez amigos lá dentro.

— E eu que achava que estava a ser simpático. — Nate encolheu os ombros. — Não pode esperar que um homem fique bem-disposto, quando lhe partem o carro todo e tem a cara feita num oito.

— Acho que não. Ed é um pouco temperamental, e gosta de fazer valer a sua influência. É a pessoa da cidade que tem mais dinheiro, e não gosta que se esqueçam disso.

— É bom saber.

— Hawley é boa pessoa. É um bom homem do mato, e sabe escalar. Tem energia suficiente para agradar aos turistas que querem conquistar uma montanha e a maior parte das vezes é reservado. Bebe, mas não bebe até à inconsciência. A minha opinião? Foi justa, a forma como lidou com a situação.

— Isso é importante. Agradeço. É capaz de fazer o relatório, Otto? Acho que vou andando, para saber do reboque.

Usou aquilo como desculpa, mas ele era a única pessoa que devia saber disso.

Encontrou Bing com um homem enrugado e bojudo, a tentar tirar o SUV da vala. O dever incitou-o a parar, sair e perguntar-lhes se precisavam de mais ajuda.

— Sabemos o que estamos a fazer. — Bing lançou uma pazada de neve para as botas de Nate.

— Então, vou deixar-vos a tratar disso.

— Parvalhão, — murmurou Bing entre dentes, enquanto Nate regressava para o carro.

Nate virou-se, pensando por instantes. — Parvalhão é melhor ou pior que *chechako*?

O pequeno homem rosnou numa gargalhada, mas limitou-se a enterrar a lâmina da pá na neve, inclinando-se sobre ela enquanto Bing media Nate. — É a mesma coisa.

— Só para saber.

Nate entrou no carro e deixou Bing de sobrolho carregado.

Deixou-se ir a conduzir, para fora da cidade, contornando a curva acentuada do lago.

Havia-se informado que Meg vivia para aqueles lados, e como conseguia ver o avião pousado na superfície congelada, era sinal de que estava no lugar certo.

Virou numa estrada que parecia ser recortada das árvores e foi aos solavancos que descobriu uma casa.

Não sabia o que haveria de esperar, mas não era aquilo. O isolamento não o surpreendia, assim como as vistas de tirar o fôlego em todas as direcções. Faziam parte do pacote.

Mas a casa era bonita, uma espécie de cabana sofisticada, pensava ele. Madeira e vidro, alpendres cobertos, persianas de um tom vermelho-vivo que emolduravam as janelas.

Havia sido aberto um carreiro através da neve desde a entrada dos carros até ao alpendre da porta principal. Conseguia ver onde outrora haviam existido outros caminhos que ligaram a casa principal a complexos exteriores. Um desses complexos, a meio caminho da casa até à orla da floresta, elevava-se sobre estacas.

No alpendre repousava uma pilha bem arrumada de lenha cortada.

O Sol começava a nascer, glorioso, banhando a cena com aquela auro-ra misteriosa. Fumo saía de três chaminés de pedra para o céu luminoso.

Fascinado, desligou o motor.

E ouviu a música.

Preenchia o seu mundo. Uma voz feminina, forte e doce, envolvida

por cordas e flautas erguia-se com a aurora sobre aquele branco interminável.

Reesoava dentro de si quando saiu da carrinha e parecia pertencer ao ar, à terra ou ao céu.

Foi aí que ele a viu — o vermelho-vivo da parca, a caminhar sobre o branco, afastando-se do lago gelado com dois cães que a acompanhavam.

Ele não a chamou, nem tinha a certeza se o conseguiria fazer. Ali estava um retrato e a sua mente accionou a objectiva. A mulher de vermelho e cabelo preto, a flutuar sobre o branco imaculado guardada por dois lindos cães e a glória matinal das montanhas que lhe faziam de cenário.

Os cães viram, ou cheiraram-no primeiro. O ladrar a cortar o silêncio, quebrando a melodia da música. Dispararam na direcção dele como duas balas cinzentas tremidas.

Ainda pensou em saltar para dentro da carrinha e perguntou-se se isso confirmaria ainda mais o seu estatuto de *cheechako* idiota.

Havia sempre a possibilidade de que o seu equipamento exterior tivesse grossura suficiente para lhe proteger a pele dos dentes caninos, caso isso viesse a ser um problema.

Ficou onde estava a ecoar *lindos cãezinhos, bons cãezinhos* na cabeça, como um mantra.

Preparou-se para o salto, na esperança de que não fosse para a sua garganta. Ambos os cães espalharam neve pelo ar, até que pararam a meio metro de distância, os corpos a tremer e os dentes à mostra. Em alerta total.

Os dois pares de olhos eram azuis, de um azul cristalino, como os da dona.

A respiração de Nate era bem visível, numa nuvem de ar. — Bem, céus, — murmurou ele. — Mas que par de beldades.

— Rock! Bull! — Gritou Meg. — Amigo.

Os cães descontraíram de imediato e avançaram para o cheirar.

— Arrancam-me a mão, se lhes tocar? — Gritou ele.

— Agora já não.

Confiando, com a mão na luva afagou uma cabeça e depois a outra. Como era evidente que estavam a gostar, agachou-se e fez-lhes uma festa vigorosa enquanto eles se encostavam a ele.

— Tem tomates, Burke.

— Não queria muito que eles provassem essa parte da minha anatomia. São cães de trenó?

— Não. — Viu as faces dela rosadas do frio, assim que ela se aproximou. — Não sou corredora de trenós, mas eles são de uma bela ninhada deles. Partilham comigo o gosto pela vida ao ar livre.

— Têm os seus olhos.
— Talvez noutra vida eu fosse um *husky*. O que é que está aqui a fazer?

— Vim só... que música é esta?

— Loreena McKennit. Gosta?

— É fantástica. Parece... Deus.

Ela riu-se. — É o primeiro homem que conheço a admitir que Ela é uma mulher. Aproveitou o feriado para dar um passeio?

Endireitou-se. — Feriado?

— Passagem de Ano.

— Oh. Não. Houve um pequeno acidente na Estrada do Lago. Ando à procura da testemunha principal. Talvez a tenha visto por aqui. É um tipo encorpado, com quatro patas, chapéu esquisito. — Com os dedos imitou as hastes.

Que fofo, pensava ela, porque seria que os olhos dele pareciam tão tristes, mesmo quando sorria? — Para dizer a verdade, tenho visto alguns tipos como esse nas redondezas.

— Nesse caso, talvez fosse melhor entrarmos, para recolher o seu depoimento.

— Sou capaz de gostar que o faça, mas vai ter de ficar para outra altura. Tenho de voar. Ia agora mesmo levar os cães para casa, e desligar a música.

— Onde é que vai?

— Vou levar mantimentos a uma cidade no mato. Tenho de me despachar, se quero ir e voltar antes da hora da festa. — Inclinou a cabeça.
— Quer vir comigo?

Nate olhou na direcção do avião e pensou: *Naquilo? Nem aqui nem na China*. — Estou de serviço. Talvez noutra altura.

— Com certeza. Rock, Bull, casa! Volto já, — disse a Nate.

Os cães desataram a correr, e Nate percebeu que um dos complexos exteriores era um canil elaborado, decorado com figuras de totens pintadas num estilo de arte primitiva *folk*.

Bela vida, sem dúvida.

Meg desapareceu dentro da cabana. Momentos depois, a música acabou.

Voltou a sair com uma mochila ao ombro.

— Até logo, Comandante. Depois tratamos de recolher o meu depoimento.

— Fico à espera. Bom voo.

Ela atirou o cabelo para trás, descendo o carreiro até ao avião.

Ficou a observá-la.

Ela atirou a mochila para dentro do avião e subiu. Ele ouviu o motor a arrancar, o ruído sonante a invadir o sossego. A hélice girava enquanto o avião deslizava pelo gelo, num círculo, depois outro, apoiando-se num *ski* noutro círculo até descolar, elevando o nariz, a subir.

Conseguia ver o vermelho da parca dela, o preto do seu cabelo pela janela do *cockpit*, e depois não mais era do que uma imagem desfocada.

Ele inclinou a cabeça ao vê-la dar a volta, agora pelo ar, mergulhando a asa no que ele interpretou como uma saudação.

Em seguida, ganhou velocidade, sobrevoando o branco, em direcção ao imenso azul.

5.

Nate conseguia ouvir as festividades já bem encaminhadas. Música — uma espécie de *jivey honky-tonk* — subia pelas escadas, até pela ventilação que vinha do chão do quarto. Vozes murmuravam, parecendo impregnar-se nas paredes e no soalho. Os risos transbordavam, tal como um tamborilar ocasional que presumia ser de pés que dançavam.

Sentou-se sozinho, no escuro.

A depressão abatera-se sobre ele, sem apelo nem agravo. Num minuto estava sentado à secretária a ler alguns ficheiros e no outro o imenso peso negro caíra sobre ele com toda a força.

Já lhe havia acontecido antes, sem nenhum sentido vago de desconforto, nem tristeza avassaladora. Apenas aquela onda imensa de negrume que o enrolava na sua espuma. Apenas aquela mudança abrupta da luz para a escuridão.

Não se tratava de desespero. O conceito de esperança tinha de ser um factor a ter em conta antes de abraçarmos a sua ausência. Não se tratava de desgosto, aflição ou raiva. Ele podia muito bem ter lidado ou contrariado qualquer uma dessas emoções.

Era um vazio. Incomensurável, negro, irrespirável e arrastava-o com ele.

Conseguia funcionar apesar dele; aprendera a fazê-lo. Se não funcionasse, as pessoas não o deixariam em paz e os seus cuidados e preocupações apenas iriam afundá-lo mais no fosso em que se encontrava.

Podia andar, falar, existir. Mas não conseguia viver. Era assim que se sentia, quando se deixava puxar por aquelas amarras. Era como se fosse um morto-vivo.

A sensação era a mesma de quando estivera no hospital depois do

que acontecera a Jack, a dor latejante sob o efeito de analgésicos, e a certeza de que o que acontecera abria caminho para o esquecimento.

Mas conseguia funcionar.

Terminara o trabalho do dia, trancara a porta. Conduzira de regresso à A Estalagem, subira até ao quarto. Falara com algumas pessoas. Não se conseguia lembrar de quê nem com quem, mas sabia que a boca se movera, que as palavras saíram.

Subira até ao quarto e trancara a porta. Sentara-se na escuridão invernal.

Que raio é que estava a fazer ali, naquele lugar? Naquele lugar frio, escuro e vazio? Seria tão óbvio, tão patético, que escolhera aquela vila de Inverno perpétuo por ser um espelho tão perfeito do que se passava no seu íntimo?

O que é que queria provar ao mudar-se para ali, envergando um distintivo e a fingir que se importava o suficiente para cumprir a sua obrigação? Ocultar, era o que passava a vida a fazer. A ocultar o que era, o que fora, o que perdera. Mas não podia ocultar de si o que o acompanhava todos os dias, a cada minuto, apenas à espera de saltar cá para fora, a rir na cara dele.

Claro que tinha a medicação. Não partira sem ela. Medicação para a depressão, medicação para a ansiedade. Medicação para o ajudar a dormir, profundamente, para que os pesadelos não ganhassem terreno.

Medicação que parara de tomar porque anulava ainda mais o seu ser do que a depressão, a ansiedade ou a insónia.

Não podia voltar atrás, não podia seguir em frente, então porque não afundar-se ali mesmo? Cada vez mais fundo, até acabar por não conseguir, não poder mais rastejar para fora de todo aquele vazio? Sabia, uma parte dele sabia, que se sentia confortável ali, instalado na escuridão e no vazio, imerso na sua própria desgraça.

Raios, podia instalar-se de vez por ali, como um daqueles maluquinhos que viviam numa arca frigorífica vazia debaixo de uma ponte. A vida era bastante simples numa caixa de cartão, e ninguém esperava que fizéssemos algo dela.

Pensou na velha imagem da serra prestes a derrubar uma árvore na floresta e deu-lhe a volta para que se adequasse ao seu caso. Se ia perder o juízo em Lunacy, tinha de estar na posse dele primeiro, ou não?

Odiava aquela metade dele que pensava assim, a metade que queria viver ali.

Se não descesse, alguém haveria de subir. Ia ser muito pior. Amaldiçoou o esforço necessário só para se pôr de pé. Será que aqueles pequenos tremores, breves centelhas de vida haviam sido uma espécie de brincadeira?

A forma de o destino lhe mostrar como era estar vivo, antes de o sugar novamente para dentro do fosso?

Bom, ele ainda sentia raiva bastante que o levasse a rastejar de lá para fora, só mais uma vez. Haveria de sobreviver àquela noite, à última noite do ano. E se na seguinte não houvesse nada, também não haveria de ficar pior do que estava.

Mas naquela noite estava de serviço. Fechou a mão sobre o distintivo que haveria de tirar, sabendo que era ridículo sentir-se apaziguado por um objecto de metal barato. Mas até isso tirara, repetindo o gesto de forma mecânica.

A luz feriu-lhe os olhos assim que a acendeu, e teve de recuar deliberadamente antes que cedesse à tentação de a desligar outra vez. De ficar no escuro outra vez.

Foi até à banheira e deixou a água correr fria. De seguida, espalhou-a pelo rosto para se enganar, acreditando que lavava a fadiga que se enroscava à volta da depressão.

Estudou-se ao espelho por largos momentos, à procura de algo que o denunciasse. Mas viu um tipo normal, sem preocupações. Talvez um pouco de cansaço à volta dos olhos, covas profundas nas faces, mas nada de grave.

Desde que todos vissem o mesmo, seria suficiente.

O barulho assolava-o ao abrir a porta. Tal como com a luz, teve de se obrigar a avançar, em vez de se refugiar na sua caverna.

Dera a noite de folga a Otto e Peter. Para comer, beber e se divertirem. Ambos tinham amigos e família com quem se despedir do ano velho. Uma vez que há meses que Nate também lutava por se despir de velhos hábitos, não percebia a influência que aquela noite poderia ter.

Carregou o peso de chumbo nas entranhas ao descer as escadas.

A música era alegre e melhor do que esperara. E a casa estava cheia. As mesas estavam dispostas de forma a haver uma pista de dança, e os mais velhos já tiravam partido dela. Fitas e balões adornavam o tecto, e a indumentária das pessoas era tão festiva quanto eles.

Viu alguns mais idosos, a envergar aquilo que Peach descreveria como um *smoking* do Alasca. Fatos de trabalho robustos, que trataram de limpar para a ocasião. Alguns eram complementados por gravatas borboleta e, por estranho que pareça, chapéus de festa.

Muitas das mulheres trataram de se produzir com vestidos ou saias brilhantes, cabelo apanhado, saltos altos. Avistou Hopp, cintilante num vestido de *cocktail* roxo — a dançar *foxtrot*, *two-step*? Nate não fazia ideia — com um Harry Miner todo apurinado. Rose estava sentada num banco alto atrás do bar, com o homem que ele concluiu ser o marido dela, David, sentado a seu lado, a afagar-lhe suavemente a curva das costas.

Ele viu-a rir de algo que a recepcionista da clínica lhe dissera. E reparou na forma como ergueu o olhar, encontrando o do marido. Viu a faísca do amor emanar de ambos, e sentiu-se frio, sozinho.

Nunca nenhuma mulher olhara para ele daquela forma. Nem mesmo quando era casado, a mulher que pensava ser dele nunca olhara para ele com aquele amor incondicional e sem limites.

Desviou o olhar.

Os seus olhos perscrutavam a multidão com visão de polícia — a tirar as medidas, os pormenores, a registar. Era o tipo de atitude que o mantinha à parte, e ele sabia disso. Era o tipo de atitude que era impossível relegar.

Viu Ed, e a alegadamente arrogante Arlene. Mitch de KLUN, com o cabelo louro liso preso num rabo-de-cavalo, e o braço à volta de uma rapariga que não era tão bonita quanto ele. Ken vestia uma camisa havaiana e mantinha uma discussão animada com O Professor, que envergava o habitual casado de *tweed*.

Fraternidade, pensava Nate. De certa forma, algo embriagada com o avançar da noite, mas fraternidade, ainda assim. E ele era do Exterior.

Apanhou um rasto do perfume de Charlene, mas ela ultrapassou-o tão depressa que ele nem teve tempo para a evitar ou fugir. A fêmea curvilínea já estava enrolada a ele, os lábios quentes e lustrosos a deslizar sobre ele, com a ponta da língua ao de leve. Apalpou e beliscou-lhe o rabo, mordendo-lhe subtilmente o lábio inferior.

Então, Charlene deslizou, sorrindo lânguida para ele. — Feliz Ano Novo, Nate. É só para o caso de não lhe conseguir pôr as mãos em cima, esta noite.

Ele nem conseguiu articular uma palavra e quase receava a evidência de um certo rubor. Ele perguntava-se se o convite óbvio e inapropriado havia estimulado o seu corpo de forma embaraçosa através da roupa.

— Onde é que tem andado escondido? — Passou os braços à volta do pescoço dele. — A festa está a todo o gás há pelo menos uma hora, e ainda não dançou comigo.

— Tive... coisas para fazer.

— Trabalho, trabalho, trabalho. Porque é que não vem brincar comigo?

— Tenho de falar com a Presidente. — *Por favor, meu Deus, ajuda-me.*

— Oh, não é altura para tratar da política da vila. Estamos numa festa. Vamos, venha dançar comigo. Depois podemos provar o champanhe.

— Tenho mesmo de resolver isto. — Colocou-lhe as mãos sobre as ancas, na esperança de a empurrar ligeiramente para fora do alcance da-

quele gesto íntimo, e perscrutou a multidão à procura de Hopp — a sua salvação. O seu olhar ficou cativo, preso no de Meg.

Ela esboçou aquele sorriso lento, a dois tempos, e ergueu o copo que tinha na mão num brinde trocista.

Num ápice, casais que dançavam rodopiaram para a frente dela, e deixou de a ver.

— Fica para outra vez. Eu... — Viu um rosto familiar, e agarrou-se a ele como um náufrago. — Otto. Charlene quer dançar.

Antes que qualquer deles se pudesse manifestar, Nate já corria em retirada. Conseguiu chegar ao outro lado da sala antes de arriscar respirar fundo.

— Tem graça, não parece ser cobarde.

Meg chegou-se para perto dele. Agora trazia dois copos.

— As aparências iludem. Ela assusta-me à brava.

— Não diria que Charlene é inofensiva, porque está longe disso. Ainda assim, se não quer que ela lhe enfie a língua pela garganta abaixo, tem de lho dizer. Alto e em bom som, com monossílabos. Tome. Fui-lhe buscar uma bebida.

— Estou de serviço.

Ela roncou. — Não me parece que uma taça de champanhe barato vá alterar isso. Bolas, Burke. Quase todas as almas de Lunacy estão aqui dentro.

— Tem razão. — Pegou na taça, mas não bebeu. Contudo, manteve sempre a atenção nela. Trazia um vestido. Imaginava que o termo técnico fosse vestido, para a camada de tecido vermelho-vivo que trazia colado ao corpo. Revelava a figura esguia e atlética que ele havia imaginado em contornos que poderiam ser tidos como ilegais em várias jurisdições. Soltara o cabelo. Uma chuva negra nos ombros lácteos. Saltos altos da mesma cor que o vestido enalteciam as pernas magras e musculadas.

Cheirava a sombras frescas e secretas.

— Estás linda.

— Quando a ocasião pede, gosto de me aprumar. Tu, pelo contrário, pareces cansado. — E magoado, pensou ela. Foi essa a impressão imediata assim que o viu descer as escadas. Como um homem que sabia da existência, algures no seu corpo, de uma imensa chaga aberta, sem energia para a encontrar.

— Ainda não consegui regular o sono. — Provou o champanhe. Sabia a gasosa doce.

— Vieste até aqui abaixo para descontraír e celebrar, ou para assumir uma postura rígida e oficial?

— Tenho de escolher a segunda hipótese.

Meg abanou a cabeça. — Tens de experimentar a primeira por um bocado. Vê o que acontece. — Estendeu a mão, tirando-lhe o distintivo.

— Hei.

— Se precisares de um escudo, podes sempre mostrá-lo depois, — disse ela, ao guardá-lo no bolso da frente da camisa dele. — Agora, vamos dançar.

— Não sei como fazer aquilo que eles estão a fazer.

— Não faz mal. Eu guio.

Foi o que fez, e arrancou-lhe uma gargalhada. Sentiu uma picada na garganta, mas aliviou algum do peso que carregava. — A banda é daqui?

— Toda a gente é daqui. Aquela é a Mindy ao piano. Dá aulas na escola primária. Pargo na guitarra. Trabalha no banco. O Chuck está na rabeca. É *ranger* em Denali. É federal, mas Chuck é tão simpático que fingimos que tem um trabalho a sério. E o Mike Grande na bateria. É o cozinheiro da casa. Já conseguiste decorar tudo?

— Desculpa?

— Parece que te estou a ver a compartimentar os nomes e as caras numa pasta dentro da cabeça.

— Lembrar compensa.

— Por vezes compensa é esquecer. — Desviou o olhar para a direita.

— Estão a fazer-me sinal. Max e Carrie Hawbaker. Dirigem *O Lunático*, o nosso semanário. Estiveram a semana quase toda fora da vila. Querem uma entrevista com o novo Comandante da polícia.

— Pensava que estávamos numa festa.

— Pois, mas assim que a música acabar, eles vão perseguir-te para onde fores.

— Não se fugires daqui comigo, e fizermos a festa noutra sítio qualquer.

Ela mudou de posição e olhou bem nos olhos dele. — Posso estar interessada, se é que estás a falar a sério.

— Porque não haveria de estar?

— É essa a questão. Um dia destes pergunto-te.

Não lhe deu outra opção ao dar meia-volta e acenar. Puxava-o junto com ela, para o meio do buliço da pista de dança. Apresentações feitas, ela desapareceu, deixando-o encurralado.

— Muito prazer em conhecê-lo. — Max apertou a mão de Nate num gesto entusiasta. — Eu e Carrie acabámos de voltar à cidade, por isso ainda não tivemos a oportunidade de lhe dar as boas-vindas. Queria que me dispensasse um pouco do seu tempo para dar uma entrevista a *O Lunático*.

— Temos de tratar disso.

— Podíamos sentar-nos na recepção agora, só um instante, e...

— Agora não, Max. — Carrie lançou um sorriso cintilante. — Esta noite não se trabalha. Mas antes de voltarmos à festa, queria perguntar-lhe, Comandante Burke, se tem algum problema por irmos fazer um artigo sobre a polícia no jornal. Acho que seria bom mostrar à comunidade o que faz, como é que resolve as coisas por aqui. Agora que temos um departamento de polícia oficial, queremos que *O Lunático* o documente.

— Pode obter essas informações através da Peach.

Meg deu a volta ao bar e pegou noutra taça de champanhe, antes de deslizar para cima de um banco alto, de onde conseguia ver a multidão dançar enquanto bebia.

Charlene sentou-se no banco que se encontrava a seu lado. — Eu vi-o primeiro.

Meg continuava a observar os dançarinos. — Quem será que ele viu?

— Só reparaste nele porque eu estou interessada.

— Charlene, se tiver uma pila, estás sempre interessada. — Meg engoliu o champanhe. — E não tenho nenhum interesse nele em especial. — Sorriu para a taça. — Força, joga a tua cartada. Não me faz mossa nenhuma.

— É o primeiro homem *interessante* que aqui chega em meses. — Sentindo-se conversadora agora, Charlene aproximou-se. — Sabes que ele costuma tomar o pequeno-almoço todos os dias com o pequeno Jesse? Não é a coisa mais linda? E devias ter visto a forma como lidou com os Mackies. Além disso, tem uma aura de *mistério*. — Suspirou. — Adoro um homem misterioso.

— Adoras qualquer homem, desde que o consiga levantar.

Charlene torceu os lábios em desaprovação. — Porque tens de ser sempre tão directa?

— Sentaste-te aqui para me contares os teus planos de comer o novo Comandante da polícia. Podes arranjar uns floreados, Charlene, mas não deixa de ser directo. Eu apenas dispenso os floreados.

— És tal e qual o teu pai.

— É o que dizes sempre, — murmurou Meg, ao ver Charlene afastar-se a dar às ancas.

Hopp sentou-se no banco de Charlene. — Vocês duas são capazes de discutir sobre a chuva que caiu no último aguaceiro.

— Isso já é um desafio filosófico para nós. O que é que estás a beber?

— Ia buscar outra taça daquele champanhe horroroso.

— Eu vou lá. — Meg contornou o bar, encheu uma taça e a sua também. — Ela quer dar uma trinca valente ao Burke.

Hopp desviou o olhar para Nate e reparou que ele se havia livrado dos Hawbaker, sendo contudo interceptado por Joe e Lara Wise.

— O problema é deles.

— É mesmo, — concordou Meg, e bateu com a taça na de Hopp.

— O facto de ele me parecer bem mais interessado em dar-te uma a ti não vai melhorar em nada o relacionamento que tens com a tua mãe.

— Não. — Meg provou, pensativa. — Mas é capaz de tornar a situação emocionante por algum tempo. — Viu Hopp revirar os olhos e rir. — É mais forte do que eu. Gosto de sarilhos.

— É o que ele é. — Hopp virou-se no banco, ao ver Charlene puxar Nate de novo para a pista de dança. — Toda aquela conversa sobre águas paradas, *bla, bla*. Aqueles tipos pensativos são difíceis de perceber.

— Ele é capaz de ser o homem mais triste que já vi. Mais ainda do que o viajante que passou por aqui há uns anos atrás. Como é que ele se chamava? McKinnon. Estoirou os miolos no esconderijo de Hawley.

— E não foi uma desgraça? Ignatious deve andar triste o suficiente para enfiar o cano de uma .45 na boca, mas tem um carácter demasiado forte para disparar o gatilho. Também acho que é demasiado cordial para isso.

— É com isso que estás a contar?

— Sim. É com isso que estou a contar. Bom, que se lixe. Vou fazer a minha última boa acção do ano e vou salvá-lo de Charlene.

Homens tristes e cordiais não faziam nada o seu género, convencia-se Meg. Gostava de homens incautos, destemidos. Homens que não pensavam em ficar na noite seguinte. Podia-se beber uns copos com um homem assim, dar uma cambalhota nos lençóis se estivesse para aí virada e seguir em frente.

Sem mágoas nem confusões.

Um homem como Ignatious Burke? Envolver-se com ele ia dar confusão na certa, e era óbvio que alguém sairia magoado. Ainda assim, podia valer a pena.

Em qualquer dos casos, ela gostava de conversar com ele, e isso na sua opinião, nunca era de mais valorizar. Podia muito bem passar dias, semanas sem falar com outro ser humano. Por isso apreciava uma boa conversa. E gostava de observar a tristeza que assombrava o olhar dele aflorar e desaparecer. Já a vira desvanecer-se algumas vezes. Quando ele apareceu à frente da casa dela, naquela manhã, a ouvir Loreena McKennit, e também por alguns momentos quando dançaram.

Ali sentada, com a música e o calor humano à volta dela, percebeu que queria vê-la desvanecer-se novamente. E que fazia bem ideia como é que faria isso acontecer.

Foi por trás do bar, agarrou numa garrafa aberta e dois copos. Seguindo-os ao lado do corpo, esgueirou-se para fora da sala.

Hopp bateu com força no ombro de Charlene. — Desculpa, Charlene, preciso de ter uma pequena conversa oficial com o Comandante Burke.

Charlene apenas puxou Nate para mais perto. Ele perguntava-se se ela não ia atravessá-lo e aparecer nas suas costas. — A Câmara está fechada, Hopp.

— A Câmara nunca está fechada. Vá lá, solta o rapaz dessa camisa-de-forças.

— Oh, está bem. Espero que acabes esta dança mais tarde, giraço.

— Vamos procurar um canto sossegado, Ignatious. — Hopp afastava as pessoas, abrindo caminho em linha recta. Sentou-se numa mesa que alguém puxara para a zona de snooker. — Bebe alguma coisa?

— Não, acho que prefiro a porta das traseiras.

— Pode fugir mas não se pode esconder numa vila deste tamanho. Mais cedo ou mais tarde vai ter de a encarar.

— Prefiro que seja mais tarde. — Ele queria subir, de volta para a escuridão. Tinha a cabeça a latejar, o estômago às voltas do stress e do esforço de ali estar.

— Não o fui buscar só para o livrar das garras de Charlene. Pôs o meu vice-presidente de muito mau humor.

— Eu sei. Resolvi a situação da forma que achei mais prudente e dentro do que dita a lei.

— Não estou a pôr em causa as suas decisões no trabalho, Ignatious. — Acenou para ignorar o comentário como se acenasse a alguém conhecido. — Só lhe estou a apresentar os factos. Ed é uma pessoa pomposa, com a mania das grandezas e quase sempre um chato de primeira. Ainda assim, é um bom homem e dedica muito trabalho à vila.

— Isso não significa que saiba conduzir.

Ela riu-se do comentário. — Ele sempre foi um péssimo condutor. Também é poderoso, rico e rancoroso. Não se vai esquecer de que o contrariou neste assunto. Pode parecer uma ninharia para o tipo de coisa que está habituado a resolver, mas em Lunacy, isto é importante.

— De certeza que não sou o primeiro a contrariá-lo.

— Pois não. Eu e Ed passamos a vida à cabeçada. Mas segundo ele, nós estamos em pé de igualdade. Você é do Exterior, e ele espera que puxe a carroça, como é costume. Por outro lado, se tivesse puxado, ia ficar muito desiludida. Fica sempre entre a espada e a parede.

— Sei bem como é. Puxar a carroça tem alguma coisa a ver com vacas?

Ela fitou-o por instantes e depois soltou uma gargalhada. — É uma forma educada e matreira de me pedir que me meta na minha vida. Antes disso, deixe-me acrescentar uma coisa. Ficar preso entre Charlene e Meg

significa que essa espada e a parede vão ficar quentes à brava, pegajosas e lixadas como um demónio do Inferno.

— Então, talvez seja melhor não me deixar prender.

— Bem pensado. — Ela ergueu as sobranceiras ao mesmo tempo que o telemóvel dele tocou.

— As chamadas para a esquadra são transferidas para o meu telefone pessoal, — disse ele, ao tirá-lo do bolso. — Burke.

— Pega no casaco, — disse Meg. — Encontramo-nos à porta daqui a cinco minutos. Tenho uma coisa para te mostrar.

— Está bem. — Voltou a guardar o telemóvel no bolso sob o olhar atento de Hopp. — Não é nada. Acho que vou bater em retirada.

— Mmm-hmm. Vá por aquela porta, passa pela cozinha.

— Obrigado. E feliz Ano Novo.

— Igualmente. — Hopp abanou a cabeça ao vê-lo afastar-se. — Vai meter-se em trabalhos.

Levou mais de cinco minutos a chegar ao quarto, pegar nos agasalhos, sair e dar a volta pela frente d' A Estalagem. Estava a meio caminho quando percebeu que não se sentira tentado a trancar-se lá dentro e barricar-se no escuro.

Talvez fosse algum progresso. Ou talvez a luxúria fosse mais forte do que uma ocasional depressão.

Ela estava à espera, sentada numa de duas cadeiras desdobráveis que colocara no meio da rua.

A garrafa de champanhe estava enfiada num monte de neve. Ela bebia da sua taça e um cobertor grosso tapava-lhe o colo.

— Não devias estar aqui fora, com esse vestido, mesmo com o casaco e o cobertor...

— Mudei de roupa. Trago sempre roupa na mochila.

— Que pena. Tinha esperanças de te ver outra vez com aquele vestido.

— Fica para outra altura, noutra lugar. Senta-te.

— Ok. Porque é que estamos sentados na rua quando... faltam dez minutos para a meia-noite?

— Não gostas muito de multidões, não é?

— Nem por isso.

— No início até é divertido, numa ocasião especial. Mas passadas algumas horas, fico farta. Além do mais, — deu-lhe uma taça para a mão, — aqui está-se melhor.

Ele ficou espantado por o champanhe não estar congelado, em pedra. — Acho que estávamos melhor lá dentro, onde o perigo de congelarmos não é tão acentuado.

— Não está assim tanto frio. Não há vento. A suspensão do ar é zero. Além disso, não podes ver isto lá dentro.

— Ver o quê?

— Olha para cima, Homem dos 48.

Ele olhou para onde ela apontava e ficou sem fôlego. — Deus do Céu.

— Pois, sempre achei que era celestial. Um fenómeno natural causado pela latitude, raios de luz e assim. As explicações técnicas não o tornam menos belo, ou mágico.

As luzes no céu eram verdes com laivos dourados, salpicos vermelhos. Os rastos compridos e espectrais pareciam pulsar, num sopro, banhando a escuridão de vida.

— As luzes do norte vêm-se melhor no Inverno, mas costuma estar tanto frio que não dá para as apreciar. Imaginei que esta noite seria uma bela excepção.

— Já tinha ouvido falar delas. Vi fotografias. Não tem nada a ver.

— As melhores coisas são sempre assim. Fora da vila vê-se muito melhor. E acampado no cimo de um daqueles glaciares, nem se fala. Uma noite, tinha eu mais ou menos sete anos, eu e o meu pai escalámos aquelas montanhas e acampámos só para podermos estar lá em cima a ver o espectáculo. Ficámos horas deitados, quase a morrer de frio, a olhar para o céu.

O verde de outro mundo continuava a transformar-se, a brilhar, expandir e cintilar. Choviam jóias líquidas de cor. — O que é que lhe aconteceu?

— Pode-se dizer que um dia decidi fazer outra escalada e nunca mais parou. Tens família?

— Mais ou menos.

— Bom, vamos estragar isto se contarmos as nossas histórias tristes. Vamos apenas apreciar o espectáculo.

Ficaram sentados em silêncio no meio da rua, as cadeiras mal apoiadas nos montes de neve enquanto os céus pegavam fogo.

As chamuscas atçaram algo dentro dele, amansando a tensão da dor de cabeça e permitindo-se respirar de êxtase.

Ela olhou de relance na direcção d' A Estalagem, ao ouvir o nível de ruído subir. Os gritos da contagem decrescente para a meia-noite começaram. — Parece que somos só nós dois, Burke.

— Uma maneira melhor de acabar o ano do que estava à espera. Querres que finja que te vou beijar por ser tradição?

— Que se lixe a tradição. — Ela agarrou-lhe no cabelo com as duas mãos enluvadas e puxou-o para si.

Tinha os lábios frios, e sentiu um arrepio estranho e poderoso ao sentir que aqueciam encostados aos dele. Nele, a força imensa do beijo veio agitar o organismo indolente, queimando-lhe o estômago, atravessando-lhe a corrente sanguínea.

Ouvia o clamor — mas abafado, ténue e distante — com as doze badaladas. Através delas ouvia, com toda a nitidez, o bater do próprio coração.

Largou a taça que tinha na mão e afastou o cobertor, para conseguir tocá-la. O gemido de frustração na sua garganta provinha da barreira de espessas camadas de roupa. Queria sentir aquele corpo forte, curvilíneo, as suas formas, o gosto e o perfume.

Depois, o som de tiros fê-lo retrair-se, de um salto.

— Tiros de festejo, só isso. — A respiração dela saía em pequenas nuvens, enquanto tentava agarrá-lo novamente. Aquele homem sabia beijar, e ela não queria perder aquela sensação inebriante de ter os seus lábios, a língua, os dentes a invadi-la.

Quem é que precisava de champanhe barato?

— Talvez, mas... tenho de ir ver.

Ela deu uma gargalha entrecortada e agachou-se para apanhar as taças. — Sim, é melhor.

— Meg...

— Vai lá, Comandante. — Deu-lhe uma palmadinha carinhosa no joelho, e sorriu para aqueles olhos cinzentos fascinantes e perturbados. — Trabalho é trabalho.

— Não devo demorar.

Ela tinha a certeza disso. Alguns tiros para o ar eram habituais nas festividades, nos casamentos, nascimentos — até nos funerais, dependendo dos sentimentos relativamente ao falecido.

Mas não lhe parecia sensato esperar. Em vez disso, ela deixou as cadeiras, a garrafa e as taças no alpendre principal. Levou o cobertor de novo para a carrinha e atirou-o para dentro da cabine.

De seguida, conduziu para casa, enquanto as luzes verdes brincavam no céu. E sabia que Hopp tinha razão. Nate Burke só lhe ia trazer problemas.

6.

O LUNÁTICO

Registo Policial

Segunda-feira, 3 de Janeiro

8:03 Ocorrência de desaparecimento de sapatos de neve do alpendre, residência de Hans Finkle. Respondeu Adjunto Peter Notti. Não foi possível confirmar a alegação de Finkle “*Que (inúmeras descrições criativas eliminadas) Trilby anda a deitar o olho às minhas botas velhas*”. Sapatos de neve afinal estavam na carrinha de Finkle.

9:22 Aviso de acidente rodoviário em Rancor Road. Responderam Comandante da Polícia Burke e Adjunto Otto Gruber. Brett Trooper e Virginia Mann envolvidos. Sem feridos, apenas o dedo do pé de Trooper dorido como resultado de pontapear repetidamente o seu próprio pára-choques amolgado. Não foi apresentada qualquer queixa.

11:56 Participação de confrontos entre Dexter Trilby e Hans Finkle, n’ A Estalagem. A discussão, que incluiu mais descrições criativas e variadas, aparentemente teve origem no anterior incidente dos sapatos de neve. Respondeu Comandante Burke, e após algum debate, foi sugerido que a alteração se resolvesse num torneio de damas. À hora de fecho, estava doze a dez, a favor de Trilby. Não foi apresentada qualquer queixa.

13:45 Denúncia de música alta e veículos em alta velocidade em Caribou. Responderam Comandante Burke e Adjunto Notti. James e William Mackie encontrados a fazer corridas de carros de neve e a tocar uma gravação de “*Born to Be Wild*” com o volume muito elevado. Após uma breve perseguição, e segundo algumas testemunhas, bastante recreativa, seguiu-se um confronto empolgado com os agentes, durante o qual foi confiscado o CD que continha a faixa que causara os distúrbios, que incluiu a alegação de James Mackie de que “*Lunacy deixou de ser divertida*”. Os dois Mackies foram multados por excesso de velocidade.

15:12 Denúncia de gritos nas redondezas de Rancor Wood, a três quilómetros dos correios da vila. Responderam Comandante Burke e Adjunto Gruber. Verificou tratar-se de um grupo de rapazes a brincar às guer-

ras, armados de bombinhas de Carnaval e uma embalagem doseadora de ketchup. Comandante Burke declarou tréguas imediatas e escoltou os soldados — vivos, mortos e feridos — a casa.

16:58 Denúncia de distúrbios em Moose. Responderam Comandante Burke e Adjunto Notti. Foi resolvida uma discussão entre uma rapariga e um rapaz de dezasseis anos, que envolvia alegado romance com outro rapaz de dezasseis anos. Não foi apresentada queixa.

17:18 Rapaz de dezasseis anos multado por condução perigosa e buzinar excessivo, enquanto percorria as ruas de Moose para trás e para a frente.

19:12 Respondendo a várias chamadas, Comandante Burke removeu Michael Sullivan do passeio no cruzamento de Lunacy com Moose, onde cantava a plenos pulmões e, alegadamente, desafinado uma versão de “*Whiskey in a Jar*”. Sullivan passou a noite na cadeia para sua própria segurança. Não foi apresentada queixa.

Nate passou revista ao dia que acabava, e depois sobre o resto da sua segunda semana n’ *O Lunático*. Esperara pelas queixas, assim que foi publicada a primeira edição com os registos policiais. Mas não houvera nenhuma. Aparentemente, as pessoas não se importavam de ver os seus nomes impressos, até quando eram ligados a várias indiscrições da sua vida pessoal.

Guardou o jornal numa gaveta da secretária, juntamente com o primeiro número. Haviam passado duas semanas, pensou.

Ainda ali estava.

Sarrie Parker debruçou-se no balcão da Loja da Esquina. Deixara as botas de pêlo e a parca à porta, e pegara num pacote de pastilhas elásticas Black Jack do expositor.

Estava ali para coscuvilhar, não para fazer compras, e as pastilhas elásticas eram a desculpa mais barata e acessível. Fez a Cecil, o *spaniel Dom Carlos* de Deb, uma festinha na cabeça. Como sempre, estava deitado no seu cestinho almofadado junto ao balcão. — Não costumo encontrar o Comandante Burke n’ A Estalagem.

Deb continuava a colocar maços de cigarros e tabaco de mascar nas prateleiras. A loja dela era local de divulgação das notícias da cidade. Se ela não sabia, era porque ainda não tinha acontecido.

— Também não costuma aparecer por aqui. É reservado.

— Toma lá o pequeno-almoço todos os dias com o menino da Rose,

e quase todas as noites janta lá também. Se queres saber, não tem lá muito apetite.

Já que tinha o pacote de pastilhas elásticas na mão, Sarrie decidiu abri-lo. — Todas as manhãs lhe arrumo o quarto, mas não é que haja muito para arrumar. A única coisa que o homem tem é a roupa e os apetrechos para fazer a barba. Nem uma fotografia, ou um livro.

Uma vez que tratava de quase todas as limpezas d' A Estalagem, Sarrie considerava-se uma perita em comportamento humano.

— Talvez ainda esteja para receber as suas coisas.

— Não penses que já não perguntei. — Sarrie acenava com um pauzinho de pastilha antes de o dobrar na boca. — Fiz questão disso. Disse-lhe, «Então, Comandante Burke, o resto das suas coisas vêm dos *Lower 48*?» E ele responde, «Trouxe tudo comigo». E também não faz telefonemas, pelo menos não do quarto. Nem recebe. Pelo que vejo, a única coisa que ele faz ali é dormir.

Apesar de naquele momento não estar mais ninguém na loja, Sarrie baixou a voz e debruçou-se. — E apesar de a Charlene se atirar a ele, ele anda a dormir sozinho. — Esboçou um aceno brusco. — Quando se muda os lençóis de um homem, sabe-se o que se passa durante a noite.

— Talvez o façam no chuveiro ou no chão. — Deb teve o gáudio de ver o rosto rosado de Sarrie espelhar uma expressão de choque. — Não há nenhuma lei que diga que temos de dar quecas na cama.

Sendo uma profissional do círculo dos mexericos, Sarrie recuperou rapidamente. — Se Charlene já tivesse provado, achas que ainda ia andar atrás dele como um cão atrás de um coelho?

Fazendo uma pausa para coçar Cecil atrás das orelhas sedosas, Deb teve de lhe dar razão. — Talvez não.

— O homem vem para cá, quase só com a roupa que traz no corpo, passa horas fechado no quarto, ignora as investidas de uma mulher e só fala depois de muita insistência, bom, há alguma coisa estranha com ele. Se queres que te diga.

— Até parece que é o primeiro desse tipo a aparecer por cá.

— Talvez. Mas ele é o primeiro a ser Comandante da polícia. — Ainda estava algo aborrecida por ele ter multado o filho, na semana anterior. Como se vinte e cinco dólares crescessem nas árvores. — O homem está a esconder alguma coisa.

— Por amor de Deus, Sarrie. Conhecês alguém por aqui que não esteja?

— Não me interessa quem está a esconder o quê, a não ser que tenha autoridade para me pôr e aos meus na cadeia.

Impaciente agora, Deb martelava nas teclas da caixa registadora. — A

não ser que estejas a pensar sair daqui sem pagar as pastilhas, não estás a violar lei nenhuma. Por isso, não te preocupes.

O homem em discussão ainda estava sentado à secretária. Mas agora sentia-se encurralado. Durante duas semanas, conseguira escapar, ludibriar e driblar Max Hawbaker. Não queria ser entrevistado. Aos olhos de Nate, a imprensa era sempre a imprensa, quer fosse um semanário de vilarejo ou o *Baltimore Sun*.

Talvez os cidadãos de Lunacy não se importassem de ver os nomes no jornal, qualquer que fosse o motivo, mas ele ainda tinha de se livrar do sabor amargo que o minara aquando da experiência que tivera com os jornalistas, após os tiroteios.

E sabia que tinha de engolir mais, quando Hopp marchou pelo seu gabinete adentro com Max a seu lado.

— Max precisa de uma entrevista. A vila tem de conhecer melhor o homem que tomou nas mãos a lei e a ordem. Da próxima vez que *O Lunático* for impresso, quero que este artigo seja publicado. Por isso... mãos à obra.

Ela voltou a sair em passo de marcha e fechou a porta num ápice atrás de si.

Max sorriu irónico. — Encontrei a Presidente quando vinha para cá, para ver se tinha uns minutos para falar comigo.

— Uh-huh. — Como estava a pensar jogar *solitaire* no computador para matar o tempo, ou convencer Peter a cumprir a promessa de lhe dar outra lição de *snowshoeing*, Nate não podia alegar que não tinha tempo.

Rotulara Max como um parvalhão impaciente, do tipo que passara quase todos os dias do liceu a levar belinhas. Tinha um rosto redondo e afável, com cabelo castanho liso que se esbatia sobre ele. Transportava mais quatro quilos e meio numa estatura de metro e meio, a maior parte alojados na barriga.

— Café?

— Se não der muito trabalho.

Nate levantou-se e serviu duas chávenas. — Toma com quê?

— Dois pinguinhos de leite, duas colheres de açúcar. Hum, o que acha do nosso novo artigo, o registo policial?

— Para mim é tudo novidade. Já está na posse dos factos. Parece-me exaustivo.

— Carrie queria mesmo incluí-lo. Vou gravar isto, se não se importa. Vou tirar notas, mas gosto de ficar com um registo.

— Tudo bem. — Preparou o café de Max e levou-lho. — O que é que quer saber?

Acomodando-se, Max tirou um pequeno gravador da mala de lona. Pousou-o na secretária, olhou para as horas e ligou-o. Depois tirou do bolso um bloco e um lápis. — Acho que os nossos leitores gostariam de saber algo mais sobre o homem por trás do distintivo.

— Parece o título de um filme. Desculpe, — disse ele ao ver o sobrolho de Max arquear. — Não há muito para saber.

— Vamos começar pelo básico. Importa-se de me dizer a sua idade?

— Trinta e dois.

— E era detective no DP de Baltimore?

— É verdade.

— Casado?

— Divorciado.

— Acontece aos melhores. Filhos?

— Não.

— Baltimore é a sua cidade natal?

— Passei lá a vida toda, excepto as últimas duas semanas.

— Então, como é que um detective de Baltimore acaba Comandante da polícia de Lunacy, Alasca?

— Fui contratado.

O rosto de Max permanecia afável, o tom de voz em jeito de conversa. — Teve de atirar a toalha para o ringue, para o contratarem.

— Queria mudar. — *Começar de novo. Uma última oportunidade.*

— Algumas pessoas podem achar que se trata de uma mudança bastante radical.

— Já que vai fazer algo fora do habitual, porque não em grande? Gostei do que ouvi sobre o cargo, o lugar. Agora tenho a oportunidade de fazer aquilo que sei, mas num cenário diferente, com um ritmo diferente.

— Estivemos a falar sobre o registo policial. Não é possível que seja algo a que já estivesse habituado. Não acha que se vai aborrecer? Chegado do ritmo e da acção de uma cidade grande, para uma comunidade com menos de setecentos habitantes?

Cauteloso, Nate ponderou. Não era óbvio que passava os dias sentado, aborrecido? Ou deprimido? Era difícil descobrir a diferença. Havia alturas em que não tinha a certeza se havia uma diferença, uma vez que ambas lhe impregnavam uma sensação pesada e inútil.

— Baltimore vê-se como uma pequena grande cidade. Mas na realidade, a maior parte das vezes cumprimos o nosso trabalho com uma grande dose de anonimato. Um polícia é igual a qualquer outro, um caso é empilhado em cima de outro.

E nunca encerramos todos, pensava Nate. Por mais horas extra que

dedicasse, não os podia resolver a todos e acabava assombrado pelos Abertos e Activos.

— Se alguém ligar para cá, — prosseguiu ele, — sabe que sou eu ou um dos adjuntos que vamos acorrer e falar com eles, para ajudar a resolver a situação. E eu tenho de saber, passado mais algum tempo no cargo, quem é que precisa de ajuda assim que atendo a chamada. Não se trata apenas de um nome no processo, mas sim de uma pessoa que conheço. Acho que isto traz outro nível de satisfação ao meu trabalho.

Ficou surpreendido ao perceber que dissera a mais pura verdade, sem perceber realmente que ela sempre estivera latente.

— Costuma caçar?

— Não.

— Pescar?

— Ainda não.

Max torceu os lábios. — Hóquei? Esquiar? Escalada?

— Não. O Peter está a ensinar-me *snowshoe*. Diz que vai fazer falta.

— E tem muita razão. Então e passatempos, actividades de lazer, interesses?

O trabalho não lhe deixava muito tempo. Ou, corrigiu ele, permitira que o trabalho lhe consumisse o pouco que restava. Não fora por esse motivo que Rachel começara a olhar para o lado? — Mantenho as minhas opções em aberto. Começamos com o *snowshoeing*, e vamos ver o que vem a seguir. Como é que veio aqui parar?

— Eu?

— Gostava de saber alguma coisa acerca do tipo que me está a fazer estas perguntas todas.

— É justo, — disse Max, passados instantes. — Andei em Berkeley nos anos sessenta. Sexo, drogas e *rock and roll*. Havia uma mulher — como é de prever — e migrámos para norte. Passámos algum tempo em Seattle. Comecei a dar-me com um tipo de lá que gostava de escalada. Fiquei com o bichinho. Continuámos a migrar para norte, eu e a mulher. Anti-sistema, vegetarianos, intelectuais.

Ele sorria, um homem com excesso de peso, a ficar careca e de meia-idade, que parecia divertido com quem fora, e com quem era agora. — Ela ia pintar; eu ia escrever romances que expunham a ganância do homem, enquanto vivíamos da terra. Casámos, o que acabou por estragar tudo. Ela acabou em Seattle. Eu acabei aqui.

— A publicar um jornal, em vez de escrever romances.

— Oh, ainda estou a trabalhar nesses romances. — Agora, ele não sorria, mas parecia distante e algo perturbado. — De vez em quando, pego neles. Estão uma porcaria, mas continuo a trabalhar neles. Continuo a não

comer carne e ainda sou verdinho — do tipo ambientalista — o que irrita muita gente. Há coisa de quinze anos conheci Carrie. Casámo-nos. — O sorriso voltou. — Desta parece que está a resultar.

— Tem filhos?

— Um casal. A menina doze e o rapaz dez. Agora, vamos voltar a si. Esteve onze anos no DP de Baltimore. Quando falei com o Tenente Foster...

— Falou com o meu tenente?

— O seu antigo tenente. Para ter algumas informações. Ele descreveu-o como dedicado e disciplinado, o tipo de polícia que deslindava casos e trabalhava bem sob pressão. Não que alguém se deva preocupar por o nosso Comandante da polícia possuir essas qualidades, mas parece demasiado qualificado para este cargo.

— Esse é um problema meu, — disse Nate, com simplicidade. — Por agora, não lhe posso dar muito mais tempo.

— Só mais um pouco. Esteve dois meses de baixa médica na sequência do incidente de Abril último, em que o seu parceiro, Jack Behan, e um suspeito morreram e você ficou ferido. Esteve mais quatro meses ao serviço, depois dos quais se demitiu. Leva-me a presumir que o incidente pesou bastante na sua decisão de aceitar este cargo. É correcto?

— Já lhe dei os meus motivos para aceitar este cargo. A morte do meu parceiro não tem relação nenhuma seja com quem for de Lunacy.

O rosto de Max apresentava-se fechado, e Nate viu que subestimara o homem. Um jornalista era um jornalista, lembrava-se, fosse onde fosse. E aquele cheirara uma história.

— Tem a ver consigo, Comandante. As suas experiências e motivações, o seu historial profissional.

— Historial é a palavra, por assim dizer.

— *O Lunático* pode ser amador, mas como editor, tenho de fazer o meu trabalho, apresentar uma história fiel e completa. Sei que o tiroteio foi investigado e que descobriram que o disparo da sua arma foi justificado. Ainda assim, matou um homem naquela noite, e esse acto deve pesar bastante.

— Acha que se pega num distintivo e numa arma por desporto, Hawbaker? Acha que apenas servem para fazer número? Um polícia sabe, todos os dias, quando pega na arma, que pode ser nesse dia que vai ter de a usar. Sim, pesa bastante.

Sentia-se agitado, deixando uma frieza na voz tão gélida como o vento de Janeiro que batia com força nas vidraças. — É suposto serem bastante pesados, a arma e o fim a que se destina. Se me arrependo de a ter usado? Não. Arrependo-me de não ter sido mais rápido. Se tivesse sido mais rápi-

do, um bom homem ainda estaria vivo. Uma mulher não seria viúva e duas crianças ainda teriam o pai.

Max recostara-se na cadeira, molhando os lábios repetidamente. Mas disparou. — Sente-se culpado?

— Fui o único a sair daquele beco com vida. — A irritação dissipou-se e deixou-lhe os olhos mortiços e cansados. — Há mais alguém para culpar? Desligue o gravador. Ficamos por aqui.

Max inclinou-se para a frente e desligou o aparelho. — Desculpe, se toquei nalgum ponto sensível. Por aqui não temos muito público, mas o que existe tem o direito a saber.

— É o que vocês dizem sempre. Tenho de voltar ao trabalho.

Max pegou no gravador, guardou-o e levantou-se. — Eu, ah, preciso de uma fotografia para acompanhar o artigo. — O olhar silencioso de Nate obrigou Max a pigarrear. — A Carrie pode vir ter consigo depois. A fotógrafa é ela. Obrigado pelo seu tempo. E... boa sorte para o *snowshoeing*.

Quando se viu sozinho, Nate sentou-se muito quieto. Esperou pela raiva, mas não havia meio de regressar. Tê-la-ia acolhido, o calor indomado e a cegueira da fúria. Mas manteve a calma.

Sabia o que ia acontecer se mantivesse a frieza. Levantou-se, os movimentos lentos e controlados. Saiu e pegou no rádio.

— Tenho de sair, — avisou Peach. — Surgiu uma coisa, pode contactar-me pelo rádio ou pelo telemóvel.

— Vem aí tempestade, — preveniu ela. — E parece ser das más. É melhor não se afastar muito, para estar de regresso à hora do jantar.

— Volto já. — Saiu para a entrada, pegando nos agasalhos. Manteve a mente vazia ao entrar no carro e começar a conduzir. Estacionou novamente defronte da casa de Hopp, caminhou até à sua porta e bateu.

Foi ela quem atendeu, usando um par de óculos de leitura presos por uma corrente sobre a camisa de bombazina grossa. — Ignatious. Entre.

— Não, obrigado. Nunca mais me arme uma emboscada daquelas.

Ela passava os dedos para cima e para baixo na corrente dos óculos, ao estudar o seu rosto. — Entre lá, vamos conversar.

— É só isto que tenho para lhe dizer. E mais nada.

Ele virou-se, deixando-a de pé à porta.

Ele dirigiu-se para fora da cidade, para estacionar assim que a paisagem se despiu de casas. Avistou algumas pessoas a patinar no gelo. Imaginou que haveriam de se recolher em breve, uma vez que a luz começava a rarear. Mais longe na placa de gelo ficava a cabana que alguém usava como apoio à pesca no gelo.

Não viu o avião de Meg. Não a via desde que haviam ficado a observar as luzes do norte.

Devia regressar, fazer aquilo que lhe pagavam para fazer. Apesar de aquilo que lhe pagavam para fazer não ser quase nada. Pelo contrário, deu por si à deriva.

Quando chegou a casa de Meg, os cães dela estavam em alerta, de guarda. Ele saiu e esperou para ver qual seria a sua política de recepção a visitas inesperadas.

Inclinaram as cabeças, quase em unísono, e depois saltaram para a frente com um ladrar amistoso. Depois de uma exibição de saltos e corrida em círculos, um deles correu na direcção do canil, subiu os degraus e atravessou a entrada. Voltou com um osso enorme preso na mandíbula.

— De onde tiraste isso? De um mastodonte?

Estava roído, trincado e babado, mas Nate pegou nele, deduzindo a brincadeira, e atirou-o como um dardo.

Eles desataram a correr, aos encontrões e atrapalhando-se mutuamente como dois jogadores de futebol a correr para o passe. Mergulharam na neve e emergiram totalmente cobertos dela. O osso estava agora encaixado nos maxilares de ambos os cães. Após uma breve disputa aguerrida, deram um salto para trás como se estivessem a ser puxados ao mesmo tempo.

— Trabalho de equipa, hein? — Ele pegou outra vez no osso e atirou-o para ficar a ver a cena repetir-se.

Estava no quarto passe quando os cães se afastaram dele a correr, deixando rasto na superfície da neve. Segundos depois, ouviu o mesmo que eles. À medida que o zumbido do motor crescia, Nate seguia o caminho dos cães até ao lago.

Viu o clarão vermelho e o brilho subtil do Sol poente reflectido no vidro. Aos olhos de Nate, ela parecia levar demasiada velocidade e ir baixo de mais. Ele previa que, na melhor das hipóteses, os *skis* batessem na copa das árvores, e na pior das hipóteses, que o nariz se enterrasse no gelo.

O barulho suplantava tudo. Com os nervos à flor da pele, ficou a vê-la dar a volta, inclinar-se e a deslizar sobre o gelo. Seguiu-se um silêncio tão profundo que lhe pareceu ouvir o ar que ela deslocara a aterrar.

A seu lado, os cães estremeciam, aos encontrões, e saltaram da neve para o gelo. Correram e escorregaram, a ladrar de júbilo e alegria evidentes, assim que a porta se abriu e Meg saltou com um ruído das botas. Agachou-se, deixando que eles a lambessem enquanto lhes fazia festas enérgicas no pêlo. Assim que se ergueu, agarrou num pacote que trazia dentro do avião. É só depois é que olhou para Nate.

— Mais alguém bateu com o carro? — Gritou ela.

— Que eu saiba, não.

Com os cães a dançar à volta dela, atravessou o pequeno caminho de gelo e transpôs o pequeno monte de neve. — Estás aqui há muito tempo?

— Cinco minutos.

— Ainda tens o sangue demasiado fino para enfrentares este frio. Vamos entrar.

— Onde é que foste?

— Oh, andei por aí. Fui buscar um grupo há uns dias. Andam à caça de caribu — para fotografar. Levei-os hoje de regresso a Anchorage. Mesmo a tempo, — acrescentou ela, olhando de relance para o céu. — Vem aí uma tempestade. O ar estava a ficar muito interessante.

— Não te assustas lá em cima?

— Não. Mas de tempos a tempos lembro-me dos perigos. — Já na entrada da casa, despiu a parca.

— Já tiveste algum acidente?

— Uma vez tive de, digamos, fazer uma aterragem forçada. — Descalçou as botas com força, tirou uma toalha da caixa e agachou-se novamente para limpar as patas dos cães. — Vai entrando. Não demoro nada, e aqui ficamos os quatro muito apertados.

Ele entrou, fechando a porta de dentro tal como lhe haviam ensinado, para não dissipar o calor.

As janelas deixavam entrar o último raio de Sol do dia curto, e na sala havia um misto de luz e sombras. Sentia o perfume das flores — não eram rosas, mas algo mais primitivo e terreno. Uma mistura de cheiro a cão com o fumo da lareira numa combinação estranha e apelativa.

Ele esperara algo rústico e constatou, mesmo à meia-luz, que errara redondamente.

Na zona da sala de estar espaçosa, as paredes exibiam um tom amarelado-pálido. Para imitar o Sol, imaginava ele, e não dar hipótese à escuridão. A lareira era constituída de pedra polida com tons dourados, refletindo as labaredas dos troncos na própria estrutura. Sobre a lareira ela havia disposto velas pequenas em tons de amarelos fortes e azuis-escuros. O sofá comprido combinava com os azuis e estava apinhado de almofadas fofas que as mulheres insistiam em ter por todo o lado. Uma manta grossa, com as cores principais fundidas umas nas outras, tapava as costas do sofá.

Havia candeeiros com sombras pintadas, mesas reluzentes, um tapete com padrões e duas poltronas grandes.

Aguarelas, quadros a óleo, pastéis, todas as cenas do Alasca decoravam as paredes.

À esquerda, as escadas levavam ao primeiro andar, e ele deu por si a sorrir para o corrimão da escada esculpido em forma de totem.

A porta abriu-se. Os cães entraram à frente, ambos aos saltos por cima das cadeiras e acabando por se sentarem numa.

— Não é o que estava à espera, — comentou ele.

— Tenho de tentar contrariar a monotonia. — Atravessou a sala, abriu a enorme caixa de cartão e começou a tirar lenha cortada.

— Deixa-me ajudar.

— Já está. — Ela debruçou-se, pousou a lenha e virou-se para ele, ficando de costas para a lareira. — Queres comer?

— Não. Não, obrigado.

— Beber?

— Nem por isso, não.

Ela foi até ao outro lado da sala, acendendo um dos candeeiros. — Sexo, então.

— Eu...

— Porque é que não vais andando para cima? Segunda porta à esquerda. Deixa-me só pôr água e comida aos cães.

Saiu da sala, deixando-o plantado ali com os cães a olhar para ele, com aqueles olhos cristalinos. Teria jurado que estavam a troçar dele.

Quando ela regressou, ele estava de pé no mesmo sítio onde ela o deixara.

— Não sabes onde fica a escada? Que raio de detective me saíste.

— Ouve, Meg... só vim aqui para... — Passou a mão pelo cabelo, percebendo que não fazia a mínima ideia. Saíra da cidade com a sensação de ir mergulhar num buraco negro, e a certa altura enquanto brincava com os cães, fechara-se novamente.

— Não queres sexo?

— Sei reconhecer uma pergunta falaciosa.

— Bom, enquanto pensas numa resposta, eu vou até lá acima despir-me. — Sacudiu o cabelo pelos ombros e pelas costas abaixo. — Fico mesmo muito bem nua, se é que estás a pensar nisso.

— Imagino que sim.

— És um bocado magricela, mas até nem me importo. — Avançou para as escadas, inclinando a cabeça. Sorriu e gesticulou com o dedo. — Anda lá, jeitoso.

— Sem mais nem menos?

— Porque não? Não há nenhuma lei contra. Sexo é simples. Tudo o resto é que é complicado. Por isso, vamos manter as coisas simples, por agora.

Ela começou a subir os degraus. Nate olhou para os cães, atrás dele, e soltou um suspiro. — Vamos ver se me lembro de ser simples.

Subiu as escadas, parando no primeiro andar. As paredes eram

de um vermelho vibrante, excepto a que ostentava o espelho. Na parede oposta ao espelho havia uma estante com um televisor, leitor de DVD, e aparelhagem. No meio estava o que lhe parecia ser o último grito em aparelhos de ginástica. Virado para o televisor um tapete de corrida elíptico, o fortalecedor de abdominais e um suporte com pesos alinhados com o espelho.

Ele imaginava que o mini-frigorífico guardasse garrafas de água, talvez até algumas bebidas energéticas.

O quarto revelava que o corpo que estava prestes a ver nu estava habituado a exercícios rigorosos.

Ela deixara a porta do quarto aberta e estava acorçada diante de outra lareira, a atizar o lume. Viu uma cama colossal em forma de trenó, cheia de curvas e de madeira escura. Mais arte e candeeiros acentuavam as formas verdes e cor de marfim.

— Vi o teu equipamento.

Ela enviou um sorriso lento por cima do ombro. — Ainda não.

— Ah. Estava a referir-me ao teu centro de *fitness* privado, na porta ao lado.

— Costuma fazer exercício, Comandante?

— Dantes fazia. — *Antes do Jack*. — Ultimamente, não.

— Gosto do suor, e da descarga de adrenalina.

— Eu também gostava.

— Bom, tens de voltar a essa rotina.

— Pois. Tens aqui uma bela casa.

— Levei quatro anos a pôr tudo como queria. Preciso de espaço, senão fico irritadiça. Luzes acesas ou apagadas? — Ao ver que ele não respondia, ela endireitou-se e espreitou por cima do ombro outra vez. — Descontraia, Comandante. Não te vou fazer mal, a não ser que queiras.

Avançou até à mesa-de-cabeceira e abriu uma gaveta. — Segurança em primeiro lugar, — anunciou ela e atirou-lhe um preservativo numa embalagem prateada.

— Estás a racionalizar de mais, — decidiu ela ao ver que ele a fitava, com uma expressão algo confusa. E, pensava ela, adorável ao ver aquele cabelo despenteado em tons avelã-torrada, aqueles olhos de herói ferido. — Aposto que podemos resolver isso. Talvez precises de um certo ambiente. Também me agrada a ideia.

Acendeu uma vela e, caminhando pelo quarto, foi acendendo outras mais. — Um pouco de música. — Abriu um armário e ligou o leitor de CDs que estava lá dentro, ajustando o volume bem baixo. Desta vez era Alanis Morissette, com a sua voz estranhamente apelativa a cantar acerca do medo da felicidade.

— Se calhar, devia ter-te embebedado um bocadinho primeiro, mas agora já é tarde para isso.

— Não se pode dizer que não sejas original, — murmurou Nate.

— Podes apostar esse belo traseiro que sim. — Ela puxou a camisola por cima da cabeça e atirou-a para cima de uma cadeira. — A roupa interior térmica torna o striptease tudo menos erótico, mas a recompensa deve ser suficiente.

Ele já estava duro como pedra.

— Tencionas despir essa roupa toda, ou queres que trate disso por ti?

— Estou nervoso. Ao dizeres isso, fazes-me parecer um idiota.

Oh, pois, pensou ela outra vez. Bastante adorável. A honestidade num homem era sempre.

— Só estás nervoso porque estás a pensar. — Ela deixou cair as calças, saindo de dentro delas. Sentando-se na cama, descalçou as meias. — Se não tivesses sido chamado pelo dever na noite de Passagem de Ano, teríamos acabado na cama.

— Quando voltei, tinhas desaparecido.

— É que comecei a pensar. Como podes ver, é fatal quando isso acontece. — Puxou para trás o edredão e os lençóis.

Ele pousou a camisa sobre a camisola dela. Ao tirar o telemóvel do bolso, pousando-o, encolheu os ombros. — Estou de serviço.

— Bom, então esperemos que todos se comportem. — Despiu o top térmico. Todos os músculos do corpo dele se contraíram.

Ela era de porcelana — a pele branca delicada em curvas esculpidas. Mas não tinha nada de frágil. Em vez disso, emanava drama e confiança, uma fotografia a preto e branco que a luz banhava de dourado.

E ele viu, com um surpreendente impulso de luxúria, quando ela se voltou para apagar a luz, deixando apenas as velas e a lareira acesa, a pequena tatuagem de asas vermelhas abertas nas suas costas.

— Metade dos meus pensamentos acabaram de se evaporar.

Ela riu-se. — Vamos tratar da outra metade. Despe as calças, Burke.

— Sim, senhora.

Ele desapertou o cinto mas depois os seus dedos ficaram dormentes, ao vê-la despir o resto da roupa térmica. Ficou com a boca seca como terra. — Tinhas razão. Ficas muito bem nua.

— Gostava de retribuir o elogio, se despachares o raio da roupa. — Deslizou para dentro da cama, esticando-se. — Anda lá, lindo. Vem buscar-me.

Ela passou a ponta do dedo pelo seio enquanto ele se despia. — Mmm, nada mal, no que diz respeito ao tronco. Belo tónus muscular para alguém

que não faz exercício regular. E... — Sorriu, apoiando-se nos cotovelos ao vê-lo despir as calças. — Bom, bom, paraste mesmo de pensar. Veste esse soldado e vamos para a guerra.

Ele acedeu, mas ao sentar-se na cama, limitou-se a passar o dedo pelo ombro dela. — Dá-me um minuto para esquematizar primeiro o meu plano de batalha. Nunca vi uma pele como a tua. É tão pura.

— Não julgues um livro pela capa.

Equilibrando-se, ela estendeu o braço e agarrou-lhe numa madeixa de cabelo, puxando-o para junto de si. — Dá-me essa boca. O que provei não chegou para lhe tomar o gosto.

Trespasaram-no, num fluxo imenso, todas as ansiedades, o desespero, os desejos frenéticos que se aglomeravam numa luxúria cega. O sabor dela explodia dentro de si, o seu calor maduro e ávido queimava-lhe o sangue. A boca dele encontrava a dela, alimentava-se dela até a fome que havia esquecido explodir de novo em vida.

Não lhe era possível saciar-se, a boca, o pescoço, os seios. Os suspiros e gemidos dela eram como chicotes no seu desejo a descoberto, levando-o a querer ainda mais.

Pressionou a mão no meio das coxas dela, enlouquecido ao sentir a humidade, o calor, e puxou-a tão depressa, de forma tão violenta para o pico que ambos estremeçeram.

Foi como escalar uma colina silenciosa e verde, e vê-la transformar-se num vulcão. Tudo aquilo se encontrava dentro dele, percebia ela. A surpresa perigosa por baixo da calma ferida. Ela queria-o, aqueles olhos tristes, aquela postura calada. Mas ela não saberia o que ele lhe podia dar, assim que a máscara lhe fosse arrancada.

Ela arqueou o corpo, abismada, enquanto ele lhe espalhava o calor por todo o corpo. Quando ela gritou, foi com um prazer irracional. Rolou com ele, cravando as unhas, os dentes a morder, as mãos ávidas e possessivas ao percorrerem a sua pele macia.

Os pulmões dela queimavam a cada golfada de ar.

Ele queria devorar, invadir e dominar. Mergulhou dentro dela, e teria enterrado o rosto no seu cabelo, mas ela levou-lhe as mãos à face. E observou-o, num olhar selvagem e azul, ao mesmo tempo que ele a penetrava, ao sentir que se perdia dentro dela. Observou-o até ele se diluir dentro dela.

Havia sido sorvido, até a sua pele não ser mais do que um receptáculo repleto de ar. Não se lembrava como era sentir aquele peso imenso e indolente, que se fechava sobre a sua mente, inflamando de tal forma o seu corpo que tornava o simples facto de se levantar da cama de manhã um exercício de vontade e controlo.

Estava cego, surdo e repleto. E se tivesse conseguido flutuar o resto do caminho até ao esquecimento, tal como se encontrava, não teria emitido um murmúrio de queixume.

— Não vale adormecer enroscado.

— Huh? O quê?

— Aguenta os cavalos, giraço.

Afinal de contas não estava nada cego. Conseguia ver a luz, sombras, formas. Nada daquilo fazia sentido, mas conseguia ver. Era óbvio que também conseguia ouvir, porque a voz — a voz dela — pairava por ali, atravessando o zumbido subtil que vibrava na sua cabeça.

E conseguia senti-la, submissa debaixo dele — aquele corpo macio, firme, curvilíneo e húmido do suor que a florara, a cheirar a sabonete, sexo e fêmea.

— É melhor dares-me um encontrão, — disse ele, passados instantes. — Sou capaz de ficar paralisado.

— Pelo que vejo e sinto, não. — Mas plantou a mão no ombro dele, e dedicou um certo esforço ao empurrá-lo de cima dela. Depois, inspirou e expirou de forma profunda e sonora, e disse: — *Meu Deus!*

— Acho que o vi a Ele, apenas um contorno subtil, por segundos. Estava a sorrir.

— Era eu.

— Oh.

Ela não conseguia encontrar energia para se espreguiçar, preferindo um bocejo. — Alguém andava muito reprimido. Mmmm. Sorte a minha.

Os circuitos no cérebro dele começavam a ligar-se novamente. Conseguia ouvi-los a faiscarem do contacto restabelecido. — Já passou algum tempo.

Curiosa, ela virou-se de lado. Viu as cicatrizes que os seus dedos haviam tocado. Feridas marcadas, cicatrizes de balas, percebeu-as, de lado, na coxa dele.

— Define «algum tempo». Um mês? — Os olhos dele permaneciam fechados, mas a boca delineou uma curva. — Dois meses? Jesus, mais? Três?

— Podemos concordar em cerca de um ano.

— Raios partam! Não admira que tenha visto estrelas.

— Magoei-te?

— Não sejas parvo.

— Talvez não o tenha feito, mas de certeza que te usei.

Deliberadamente, ela deslizou o dedo por uma cicatriz que serpenteava pela lateral do tronco dele. Ele nem vacilou, mas ela sentiu que ele se retraía e decidiu não insistir, por agora.

— Diria que nos usámos mutuamente, e tão bem e de forma tão intensa que toda a gente num raio de quilómetros desta cama está neste momento deitada a apreciar um belo cigarro.

— Não te importas com isso?

— Sofres da síndrome de memória curta, Burke? — Agora, ela espreguiçava-se e dava-lhe um encontrão rápido com o cotovelo no derradeiro gesto. — Quem é que teve a ideia?

Por momentos ele ficou em silêncio. — Fui casado durante cinco anos. Fui infiel. Os últimos dois anos de casamento foram tempestuosos. Na verdade, o último ano foi uma desgraça completa. O sexo tornou-se um problema. Um campo de batalha. Uma arma. Tudo menos um prazer natural. Por isso estou enferrujado, e não tenho a certeza do que as mulheres procuram neste domínio.

Então, não havia problema se insistisse, pensou ela. — Eu não sou as outras mulheres. Sou eu. Lamento que a tua ex gostasse de gozar com a tua pila, mas eu posso assegurar que esse apêndice ainda funciona muito bem, por isso talvez esteja na altura de ultrapassares isso.

— Faz parte do passado. — Mudou de posição, passando o braço por baixo dela. Sentiu que ela se retraía um pouco, e a hesitação do seu corpo antes de voltar a descontraír, deixando que a sua cabeça se apoiasse no ombro dele. — Não quero que isto fique por aqui. Nós dois.

— Depois vemos o que achamos disso.

— Gostava de ficar, mas tenho de voltar. Desculpa.

— Não te pedi que ficasses.

Ele virou a cabeça para conseguir ver o rosto dela. Ainda tinha as faces rosadas, os olhos ensonados. Mas ele era um polícia perspicaz, e por isso captou a inquietação por baixo do à-vontade. — Gostava que me pedisses para ficar, mas como teria de recusar, é uma perda de energia. Mas gostava de voltar.

— Hoje à noite não podes voltar. Esta tempestade vai cair e se te apanha aqui — o que não me parece —, vais ficar encurralado. Podem passar-se dias. Isso não vai ser bom para mim.

— Se achas que é assim tão mau, volta para a cidade comigo.

— Não. Isso é que não me agrada *mesmo* nada. — Descontraída agora, passava os dedos pelo peito dele, pela linha do maxilar e pelo cabelo. — Estou bem aqui. Muitos mantimentos, muita lenha, os meus cães. Gosto de uma boa tempestade, da solidão que ela proporciona.

— E quando levantar?

Ela mexeu o ombro e, rolando, afastou-se. Levantando-se, foi nua até ao armário, a luz da lareira a dançar na sua pele branca e nas cintilantes asas vermelhas abertas, antes de tirar um grosso roupão de fla-